

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000  
 ———  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 E  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Passou, felizmente, a crise de allucinação patriótica em que o jacobinismo rubro andava pelas ruas *querens quem devoret*, animado por um espirito demagogico que não surgira nos dias da proclamação da Republica.

O intuito de apagar da memoria e do coração do povo os homens e os factos do ominoso regimen, chegou a ser a nota dominante em todos os niveis sociaes, desde as mais humildes stratificações até aos mais altos pincares da politica e da administração, inspirando medidas de destruição de tudo quanto pudesse symbolisar o Imperio, de tudo quanto lhe pudesse perpetuar a tradição.

Mas, não se rasgam impunemente as paginas da historia, que revive, que se eternisa, mais nitida, mais fulgurante, na alma nacional immorredoira, abrolhando através de gerações, em infalliveis erupções de justiça para os erros e para as virtudes, para os crimes e para a benemerencia.

A reacção, cruelmente irritada contra essa tradição, mudou o nome ás ruas, chrismon as praças, raspon as inscrições, sepultou-as sob densa camada de cal e de tinta; mas o tempo foi lentamente, num teimoso trabalho de restauração, pondo a nú os vestigios das lettras, das insignias, como se ellas, ainda cheias de vida, resistissem aos terriveis instrumentos de olvido.

Em vez de fazerem jús á gratidão publica pelos beneficios da administração do Districto Federal, os seus governos, que se tornaram um refugio dos politicos intransigentes, dos desoccupados, dos intolerantes, dos desvairados, que não trepidavam ante as enormidades que lhe dictava um fanatismo irreductivel, os governos municipaes pretenderam prolongar raizes no peito da demagogia, favorecendo-lhe os intuitos demolidores. E houve um de imperecivel memoria, entre os

que tanto deprimiram o nivel da administração local, que, sem respeito aos factos, mandou arrancar todos os escudos imperiaes da praça da Republica e substituí-los pelas armas da Republica, como se aquelles emblemas fôsem phantasmas ameaçadores da obra democratica, relembrando, com o seu prestigio ornamental, o administrador que transformára em bellissimo parque o indecente e sujissimo Campo de Sant'Anna, ou suscitando remorso aos administradores que nada faziam em beneficio da esthetica e da saúde da capital, entregue, como gordo repasto, aos vorazes parasitas da politicagem.

Ninguém olvidou, ainda, que estiveram armados na praça Tiradentes, os andaimes destinados á desmontagem do monumento ao fundador do Imperio, ao heróe da Independencia, para se collocar no pedestal, ornado de índios, jacarés, onças e outros bichos ferózes, a estatua do martyr da Inconfidencia, o precursor da Republica, como um acinte posthumo ao principe herdeiro de d. João VI. Por um milagre de energia da policia, no momento em que se quebravam typographias, e eram queimadas, em escandalosos autos da fé, na praça publica, o monumento foi respeitado, com todos os seus emblemas.

Essa reacção, porém, foi esmorecendo á acção reparadora do bom senso, e hoje surge, dentre aquelles que a promoviam com mais ardor, a idéa de commemorar, com um monumento, o homem que durante cinquenta annos carregou ás costas máus governos e dirigiu os destinos da Nação.

Os proprios reaccionarios estão, agóra, desencavando projectos de estatuas e reputam criminoso irreverencia estarem as *maquettes* de gesso, representando a figura de d. Pedro II, relegadas pelo olvido em sitios despreziveis.

Uma dellas representa o Imperador fardado de Voluntario da Patria, no

momento em que, com a sua presença augusta, resolveu o deslumbrado coronel Estigarribia a capitular, entregando-lhe Uruguayana; outra, uma estatua de bronze figura o Imperador nos seus imperiaes atavios, cingindo a corôa, revestido de capa, de mursa de papo de tucano e empunhando aquelle pezado sceptro de ouro massiço que, vallia a verdade, nunca pezo sobre o lombo do povo brasileiro.

Dizem que a primeira — o projecto de estatua equestre — foi mandada por ordem do Imperador para o Asylo de Invalidos da Patria. S. magestade por um movimento de modestia, não concordou com a homenagem que os paes ou os avós dos engrossadores actuaes pretenderam prestar-lhe naquella epocha de superexcitadas vibrações de alma popular, agitada pelos successos da guerra, inflamada de enthusiasmo pelas victorias das nossas armas.

O Imperador entendia que os seus feitos de guerreiro incruento que, como Cesar, chegára, vira e vencera, sem disparar um tiro, as hostes inimigas, a flôr do exercito de Lopez, não mereciam aquella estatua, homenagem sómente devida aos mortos illustres, depois de passados pelo cadinho da historia.

Sobre a outra não ha esclarecimentos precisos: dizem que o jacobinismo a arrancou do nicho em que fôra collocada, numa repartição publica; affirma-se que foi vendida, como muitas outras coisas preciosas da propriedade privada do Imperador e da familia imperial, como ferro velho, a um mercador que não teve coragem de destruil-a, ou pensou, talvez, que o mundo daria immensas voltas, um dia depois do outro, impellido pela fatalidade ou pelos azares da politica, até chegar o momento de se tornar precioso aquelle ferro velho.

A remoção dessa estatua passára despercebida; ninguem ligou importancia a esse acto de eliminação, em

effigie, do Imperador, que o clementissimo Governo Provisorio apenas des-terrára; mas, como a justiça da história tarda mas não falha, imputam-no a um responsável desconhecido, como um crime, um attentado á propriedade nacional.

Houve, mesmo, quem levasse o caso ao conhecimento do sr. Cardoso de Castro, que declinou de se occupar da materia, porque não compete á policia republicana tomar contas aos suspeitos de gatunagem de coisas imperiaes, excluidas do codigo por effeitos de intransigencia partidaria.

Era, realmente, exigir muito de quem carrega nos debeis hombros a responsabilidade da segurança publica, eternamente ameaçada de *bernardas*, sempre ás voltas com os elementos subversivos, incontinentes, assaulhados, apesar das medidas de repressão dentro e fóra da lei.

O meritissimo sr. Cardoso de Castro está contagiado do vicio que vem de cima: não está para maçadas; sobram-lhe canceiras, os apertos dessas gréves e outros aborrecimentos serios, superiores a essa banalidade de uma pessima, de uma feia estatua, coisa velha, traste inutil.

Além disso, s. ex. pensa, e pensa muito bem, que esse serodio zelo pelas estatuas do imperante deposto denunciavam um reviramento de opinião desfavoravel ao governo republicano. S. ex. vê longe; s. ex. descortina nesse facto a sombra de um arrependimento, que a paz, a segurança da Republica exigem não passe de manifestações platonicas ás figuras de gesso e de bronze, abandonadas num olvido providencial; s. ex. desconfia que, quando se erguer numa das nossas praças, um monumento ao Imperador, irradiará, talvez, delle uma lição intuitiva, levando o povo a comparar o Brazil de hontem com o Brazil de hoje, o que fômos e o que somos, o governo daquelle tempo, composto de estadistas respeitaveis, de patriotas de larga vista, de seguro traço e os governos democratras, para os quaes, por um proposito, quasi teratologico, se andam catando as mediocridades mais assimilaveis á obediencia passiva.

O inclyto sr. Cardoso de Castro desconfia que a comparação seja desvantajosa para a Republica e se refugia, por isso, em manhosa indiferença ás

reclamações dos desencavadores de estatuas.

S. ex. tem razão. Quem as removeu para sitios ignorados commetteu acto de benemerencia, merece applausos de todos os republicanos sinceros, principalmente da policia, que tem necessidade de ser jacobina, quando no coração dos rubros demagogos arrefece a divina fé nos principios.

\* \* \*

A nossa humilde opinião é que estatuas, quando representam, sinceramente, a gratidão nacional, não prejudicam idéas contrarias ás que ellas symbolisam: ellas são um vivo estimulo para o civismo, um exemplo do passado edificando o presente.

Nessa ordem de dividas nacionaes, não estão saldadas as nossas contas: devemos perpetuar em bronze os cinzeladores dos monumentos juridicos, o codigo criminal e o do processo, que fôram brilhantes conquistas do espirito liberal; o codigo commercial, o regulamento 737 obra do extraordinario estadista que, entre muitos outros trabalhos de relevo imperecível, tem no seu activo a repressão do trafico africano, resultado de estupendo esforço naquelle tempo.

Eusebio de Queiroz, citado como um raro typo de independencia de caracter, não foi menor jurista que o eminente Teixeira de Freitas, e excedeu a muitos, aos mais notaveis de uma geração inteira, em outras manifestações da actividade intelligente ao serviço de um patriotismo sem jaça.

Paguemos essas velhas dividas da gratidão nacional; perpetuemos os admiraveis exemplares de uma raça, que fez a grandeza da nossa Patria, e sejamos continuadores dessa obra que tem resistido ás intemperies das paixões: nada devemos temer das recordações do passado se assentarmos na virtude os fundamentos da Republica.

POJUCAN.

Váe em seguida o resto do artigo do coronel Emerson, que começámos a publicar no numero anterior dos *Annaes*. Ao cabo dessa leitura, terão os nossos leitores considerado, positivamente, o desprendimento, de Nogui e Togo, por exemplo, afastando de si a gloria das suas victorias.

## A ALMA CAVALHEIRESCA DO JAPÃO

### III

E' muito celebrada a historia de um Samurai que manteve a sua palavra.

Depois de um assedio de trez annos ao castello de Kannage, Hiraga Takamune, grande Daimio do seculo XVI foi, afinal, vencedor por meio de um estratagemma que honraria os antigos sparciatas. O defensor do castello, Sugihara Tadaoke, era famoso em todo o Japão, pela pericia infallivel no tiro ao arco. Vendo que o sitio se prolongava, Hiraga deliberou terminar a inutil carneficina, propondo ao inimigo servir-lhe de alvo em dois tiros; si Tadaoke o matasse, cessaria o assedio do castello; si errasse, capitularia com a condição de lhe ser poupada a vida, assim como aos seus soldados.

Tadaoke, certo de matar o inimigo detestado, acceitou a proposta, acrescentando a condição de atirar a graude distancia e na escuridão da noite.

Deu-se o encontro, como concordaram os dois chefes, fóra do castello e ao luar. Hiraga esperou calmo a sua sorte. A primeira flecha atravessou-lhe o peito.

— Meu caro Sugihara — exclamou elle, ironicamente, sem o menor movimento — a velhice vos enfraqueceu a vista; atirastes muito baixo.

Tadaoke, então, enganado pelas palavras do adversario, visou mais alto, e a flecha roçou os cabellos de Takamune; e, verificado o erro, entregou a praça, á qual pouco depois chegava uma legião de soldados que outro Daimio enviava a soccorrel-a. Este censurou-o acremente pela capitulação prematura, mas Tadaoke respondeu-lhe simplesmente:

— Hiraga manteve a sua palavra: eu quero cumprir a minha. Eu preferiria perder todos os meus haveres e a vida a perder a honra como Bushi.

Esta historia é repetida, frequentemente, como um exemplo da virtude e da força stoica dos Bushi no soffrimento. Considerava-se indigno de um Samurai traír, pela expressão do rosto, a dôr ou a commoção. Era acto de heroismo não apparentar prazer ou colera: as proprias demonstrações affectuosas eram supprimidas deante de estranhos. Por isso, foi o general Nogui admirado por não manifestar signaes de tristeza pela morte de seus dois filhos, deante das fortificações de Porto-Arthur. A unica allusão, por elle feita, a esse doloroso acontecimento, se encontra nos poemas, agóra celebres, sobre a batalha do Nanshan e a tomada do Signal Hill. A propria baroneza de Nogui contou que o general, pae e esposo modelo, nunca lhe

escreveu enquanto se bateu em Porto-Arthur e não lhe enviou participação da morte dos dois filhos. Entretanto, o general Stoessel disse-me que, na rendição da praça, Nogui se portára com a mais refinada cortezia, nada poupando para amenisar a sensibilidade do inimigo vencido.

Nessa circumstancia, elle se conformou, strictamente, aos principios de generosidade ditados pelo *Bushido*. *Bushi no nasake* — a doçura em um guerreiro — é um desses principios. Como Tennyson, um poeta Bushi cantou: Os mais bravos são os mais doces, os mais affectuosos e os mais ousados.

Os conhecedores da arte japoneza se recordam da pintura vulgar de um padre montado de costas numa vacca. Segundo a tradição, esse padre era outr'ora um dos mais famosos guerreiros. Na grande e decisiva batalha de Sumuro-Ura, em 1184, escolhendo o mais avantajado dos guerreiros inimigos, se empenhou com elle numa lucta corpo a corpo e conseguiu tiral-o da sélla. Conforme as regras do *Bushido*, naquelle tempo, um cavalleiro não podia macular o sabre, em combate singular, com o sangue de um inimigo de baixa origem. Por isso, o cavalleiro pediu ao adversario que lhe dissesse o nome e, não obtendo resposta, arrancou-lhe, furiosamente, o capacete de viseira, ficando admirado de se lhe deparar o rosto imberbe de um moço de dezeseis annos. Erguendo-o, completamente, do sólo, pô-lo á garupa e disse-lhe: «Joven principe, volta ao regaço de tua mãe; o teu logar não é aqui. O sabre de Kumagaya não deve derramar o sangue de um meijino.» O moço recusou obedecer, dizendo-lhe: que preferia a morte a ser tratado assim. O cavalleiro não fez caso disso, mas recordando que seu filho se batia, tambem, naquelle dia, pela primeira vez, metten a espada na bainha. Nesse momento, um grupo de homens, do sequito do exercito, atravessa o campo de batalha.

— Si eu não fôr morto por vós — exclamou o moço—irei procurar morte ignominiosa no meio daquelles bandidos.

Kumagaya matou-o então; mas ficou tão impressionado, que regressando a casa, vencedor, recusou todas as honras e, raspando a cabeça, partiu em longa peregrinação, escanchado numa vacca, tendo as costas constantemente voltadas para o oriente, para o futuro.

Mais authenticas, talvez, são algumas maravilhosas historias de generosidade entre inimigos, na lucta das tribus e dos clans, combatendo pela preponderancia, na epocha do grande conquistador Hideyoshi. Houve uma rixa entre Uesugui Kenshin, senhor de Echigo, e Takeda Shingen, senhor

de Kai, por causa do desprezo aos preceitos de hospitalidade, compendiados no *Bushido*, visto não haver entre elles poderoso motivo de dissentimento particular ou politico.

Murakame Yoshikyo, um barão de Shinano, expulso de seus dominios, foi procurar Kenshin para lhe pedir refugio e se vingar á sombra da sua protecção. Kenshin estava de partida para Kyoto, onde ia reclamar o logar, a que tinha direito, entre os conselheiros do throno; mas, como Murakame fôra um dos mais encarniçados inimigos de seu pae, tinha direito á hospitalidade, como obrigação de testemunhar generosidade ao inimigo decaído. Kenshin ordenou ás tropas, que o deviam acompanhar a Kyoto, marcharem sobre Kai, erecta sobre uma montanha, á qual elle abordou á frente de 10.000 homens, inopinadamente. O paço não estava guarnecido: tinha apenas, uma pequena força de 800 homens, commandados por Katsuyori, herdeiro presumptivo de Shingen, acampado na visinhança. Como os trezentos das Thermopylas, a brava tropa de Katsuyori lançou-se ao desfiladeiro para defrontar o exercito de Kenshin, que tomado de admiração, ordenou ás suas tropas regressassem, evitando o combate, contentando-se de atirar ás fileiras de Katsuyori uma unica flecha com uma missiva em verso saudando o joven guerreiro pela sua bravura.

Na sanguinolenta lucta, que se seguiu, esse mesmo senhor de Echigo tornou-se caro ao povo dos paizes revoltados e aos seus inimigos, pelo esforço empregado para remediar a fome de sal, provocada pela interrupção do trafego e a hostilidade contra o senhor de Kai. Sabendo que essa calamidade flagellava o povo, Kenshin exclamou encolerizado: que se batia pela honra das armas e não para matar de fome os pobres camponeses. Em seguida, mandou fornecer sal tirado das suas provisões e prohibiu aos commerciantes augmentarem o preço desse genero de primeira necessidade.

Kenshin era famoso pelas proezas audaciosas. Muita vez, á frente de um punhado de homens, procurou terminar a sua disputa, em combate singular. Um dia, na famosa batalha de Kawanakajima, (1554) conseguiu encontrar-o, no mais espesso da peleja, e ía matar-o, quando um dos guardas de Shingen, ferindo-lhe com a lança o cavallo, lhe salvou a vida. Mais tarde, concluida uma tregua, Kenshin enviou ao adversario uma preciosa armadura. Este facto, citado nos tratados sobre o *Bushido*, é o mais celebre exemplo de homenagem ao inimigo.

Quando Shingen morreu, em 1573, no momento em que apparelhava outra incursão na provincia de Echigo, Kenshin soube disso quando estava á meza. Ficou tão commovido com a morte do

seu rival que não terminou a refeição e não quiz tomar o conselho dos seus vassallos para aproveitar a confusão que reinava em Kai.

— Não sou bastante desprezível — respondeu elle — para emprehender derrotar uma familia, quando nunca pude conseguil-o durante a vida de Shingen.

Kenshin, depois da morte de um grande rival e adversario, nunca mais tomou arma contra Kai. Soube-se, mais tarde, que Shingen, na hora extrema, reconhecendo a nobreza de character daquelle inimigo, aconselhára ao filho a paz e um tratado de alliança com os outros Daimios; mas Ktsuyori, demasiado altivo para tomar os conselhos do pae, embóra não fôsse mais perseguido por Kenshin, succumbiu com a sua tribu nos ataques do Shogun de Nobnaga. A queda dessa nobre familia (1582) é um dos factos mais tragicos da historia da idade média do Japão.

#### IV

Outro acontecimento, não menos dramatico, foi frequentemente recordado nas discussões suscitadas pela capitulação de Porto-Arthur—a queda da familia Shimidú Muneharú, conhecida pelo nome de Chozaemon, depois da rendição do castello de Takamatsú.

Chozaemon era um baronete residente em Bitshú, quando o conquistador Taiko Hideyoshi invadiu essa provincia. Chozaemon era vassallo do clan de Mori. Apesar de se terem rendido os outros vassallos, elle recusou, obstinadamente, seguir-lhes o exemplo, defendendo o seu castello contra as esmagadoras forças de Taiko. Prolongava-se o sitio, quando Hideyoshi lhe propoz, si se submettesse, fazel-o principe de Bitshú, proposta que foi rejeitada. Hideyoshi desviou, então, as aguas do rio Kambe com o fim de inundar a fortaleza e desalojar seus defensores. Chozaemon se obstinou na resistencia, esperando ainda obter socorros de seu senhor; mas, finalmente, uma mensagem deste, communicada através das linhas inimigas, informou-o de que devia renunciar á esperanza de reforços e que seria melhor render-se. Reconhecendo inutil a resistencia, mas não querendo sobreviver á queda da praça, Chozaemon mandou dizer a Hideyoshi que lhe offerencia a capitulação e o sacrificio de sua propria vida, si elle poupasse a vida dos seus homens, as das mulheres e das creanças. Acceita a proposta, Chozaemon preparou-se para o suicidio. Um dos Samurais, receiando que seu amo esquecesse algum detalhe do complicado ceremonial, prescripto pelas regras do *Bushido*, em materia de *hara-kiri*, se suicidou para lhe mostrar como elle devia proceder. No

dia designado, Chozaemon, acompanhado pelos Samurais que desejavam morrer com elle, transportou-se num batel ao logar escolhido, onde o suicidio se deveria realisar deante dos dois exercitos. Hideyoshi mandára enviados ao seu encontro e preparava um lauto banquete para elle e seu sequito. Depois dessa ultima refeição, sem perder um instante as maneiras graciosas de um Samurai á mesa, Chozaemon ergueu-se de pé sobre o barco; deante da multidão anciosa, cantou um trecho do grande drama de No, acompanhando-se, elle mesmo, com os accordes de um samisen e se suicidou com o Samurai, segundo o rito do *hara-kiri* e conforme as tradições do *Bushido*.

Esta scena de Chozaemon cantando, de leque em punho, no convéz do seu barco, foi durante muito tempo assumpto favorito da arte japoneza. Por occasião da queda de Porto Arthur, a historia dessa morte tocante foi lembrado por todos os narradores, que são profissionaes no Japão, como exemplo do que o general Stoessel poderia ter feito e não fez.

## V

Antes da capitulação de Porto Arthur, pôde-se affirmar que a grande maioria do povo japonez esperava que Stoessel não sobreviveria á queda da praça. Houve um jornal muito adeantado, o aristocratico *Nippon*, de Tokio, o unico que o mikado se digna ler, que falou a respeito nestes termos:

«A capitulação do general Stoessel é honrosa, porque fez tudo no iuteresse do seu paiz; o caso, porém, de um official japonez, em identicas circumstancias, seria muito differente.

«Durante a guerra da restamação, o Aizu capitulou, da mesma fórma que as fortalezas Goryokaka em Hakodate, cujos defensores, representando differentes tribus, se batiam contra a bandeira imperial: a capitulação foi, portanto, de japonezes a japonezes e não foi especialmente criticada. Mas si a guarnição imperial de Kumamoto se rendesse ao exercito de Satsuma, durante a revolta deste, fôsse embóra por força maior, completo exgottamento de viveres; si officiaes japonezes se rendessem aos chinezes na guerra de 1894—1895, quaesquer que fôsssem as condições de capitulação, é provavel que esses officiaes não fôsssem jámais recebidos no Japão.

«O general Stoessel, como condição de sua liberdade, assignou o compromisso de não pegar mais em armas nem de agir de qualquer fórma, contra os interesses do Japão, durante a guerra actual. Este procedimento parece estranho aos japonezes. O czar permittiu-lhe regressar ao seu paiz: em taes circumstancias, um official japonez, salvo por ordem especial do mi-

kado, não ousaria fazel-o. Nenhum habitante do Japão o receberia, degradado por tal compromisso. Si um general, commandante de um corpo de exercito, voltasse ao Japão, deixando grande numero de seus soldados e officiaes prisioneiros nas mãos do inimigo, não se pôde imaginar como seria recebido: seria censurado e...

«O finado commandante Hirose jurou voltar á vida sete vezes para combater pelo soberano do seu paiz. Si, por desgraça, caísse nas mãos dos russos, antes de acceitar a liberdade, sob palavra, não ha duvida que teria, apesar da prisão e da morte, tentado algo contra o inimigo do seu paiz, animado pelo espirito *Bushido* do nosso exercito e da nossa marinha.

«Todos os nossos soldados, deante do inimigo, em caso de derrota, estamos certos, recusariam, unanimemente, a liberdade em taes condições. Os poltrões da marinha chineza deram sublime exemplo de abnegação; o almirante Fing, suicidando-se, assumiu inteira responsabilidade da derrota, e supprimiu á censura os seus officiaes e marinheiros.

«Si o codigo de honra militar russo pôde absolver o general Stoessel, o do Japão não pouparia jámais um dos seus officiaes em circumstancias identicas. O *Bushido* jámais perdoaria a deliberação de Stoessel. E' talvez, um erro critical-o do ponto de vista do nosso *Bushido*, porque, para julgal-o, devemos considerar os costumes do seu paiz. Os nossos officiaes e os nossos soldados, eutretanto, jámais olvidarão que se devem conduzir de accordo com aquelles preceitos indiscutíveis.»

O barão Suyematsú, eminente collaborador da *Revue*, em um notavel estudo sobre o papel do *hara-kiri* no *Bushido*, defende eloquentemente essa idéa do suicidio no caso de ser necessario evitar a deshonra, salvar um amigo, ou de um acto de expiação. Os exemplos de fidalgos na historia japoneza, que sacrificaram a vida por motivos honrosos, são mais eloquentes que os famosos casos do Occidente, as façanhas de Socrates, de Catão, de Brutus, de Petronio ou Seneca. Não é sómente o japonez que considera a morte expiação da deshonra. O dr. Nitobê nos mostra, no capitulo consagrado ao *hara-kiri* que, na litteratura do Occidente, se encontram passagens analogas a estes versos de um poeta celebre:

*Quando se perde a honra é  
melhor morrer.*

*A morte é a salvação unica  
da vergonha.*

Foi, sem duvida, um Samurai o auctor desta maxima: «Ninguém deveria sobreviver á vergonha, que é uma ferida numa arvore, estendendo-se cada vez mais e, com o tempo, cada vez mais horripilante.»

Não é, entretanto, honroso para um Samurai procurar a morte sem necessidade. Num dos contos favoritos, no Japão, fala-se de um guerreiro que, tendo soffrido derrotas successivas, e perdido toda a familia e todos os amigos, resolveu, depois de lançar a ultima flecha e ter o seu cavallo morto, procurar refugio no buraco de uma arvore, onde recusou morrer, improvisando a seguinte poesia, famosa em todo o paiz:

*Vós todos, vossos desastres,  
vossas derrotas, vossas calamidades,*

*Não podeis curvar minha  
alma até o chão.*

*Não conseguistes sinão  
ensinar-me,*

*A supportar o pezo do in-  
fortunio.*

Ha hoje, no Japão, entre alguns professores de origem estrangeira, uma tendencia para deplorar a existencia do *Bushido*, com os seus archaicos principios de vingança pelo sangue, e do *hara-kiri* tão antigo quanto o ceremonial do sabre e do tiro de arco. O professor Shiga, da universidade de Tokio, em um artigo sobre a tomada de Porto-Arthur, disse: «Os preceitos do *Bushido* e a bravura individual nada valem sem o auxilio da sciencia moderna.»

Isto é evidente; mas esse professor teria expressado melhor, com mais verdade, os sentimentos reaes do povo, si dissésse que a sciencia nada vale, na guerra, sem a bravura pessoal estimulada por uma educação como a do *Bushido*.

Este foi a força vencedora na guerra com a China. Os navios de guerra chinezes, destruidos na embocadura do Yalú, eram modernos e tão bem equipados quanto os japonezes, atirando com igual precisão, sendo, além disso, commandados por europeus. Foi o *Bushido* que dispersou a frota de Witgeft, igual em força á esquadra de Togo, e fez voltar a Porto Arthur o principe Onkhtomsky. Os conhecedores da marinha russa affirmaram que os russos só poderiam bater os japonezes, oppondo duas unidades a cada uma dos nippons. Isto equivale a um testemunho do prestigio do *Bushido*, tão eloquente quanto as palavras de Kuropatkine insistindo na necessidade de lhe assegurarem a superioridade numerica para que elle pudesse ganhar uma batalha na Mandchuria.

O que observei do espirito do soldado japonez no campo de batalha, me faz crer que o *Bushido* cairá em desuso como o *hara-kiri* e a vingança pelo sangue, quasi completamente suprimida do codigo criminal moderno; mas o espirito do *Bushido* permanecerá como uma força viva, emquanto conservar as virtudes idéaes do sol-

dado : a coragem, a força de character, a lealdade, a cortezia, a generosidade, a modestia, a rectidão, a verdade e a honra militar.

EMERSON.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Exterminio da poeira—O novo processo empregado nas ruas da California—Caminhos oleados—Sua despeza.*

A poeira, como vehiculo de microbio, é considerada um flagello moderno. Por toda a parte, menos no Rio de Janeiro, se trata de conjurar esse mal por meio de apparatus engenhosos que absorvem automaticamente o pó, como um de que demos noticia nesta secção.

O macadam, os calçamentos de pedra e de madeira, de asphalto, nenhum dos systemas, até hoje empregados, conseguira evitar o pó, produzido pelo attricto ou arrastado pela alluvião das montanhas, esse pó, enfim, que, como todos os outros detrictos das agglomerações humanas é um velho inimigo da hygiene.

Na California, parece que o problema foi resolvido, por meio de um systema de olear as ruas e caminhos, sem os inconvenientes dos meios até hoje empregados. As ruas são submettidas a um preparo especial de accordo com o clima e sólo. O terreno, lavrado numa profundidade de 30 ou 40 centímetros, é calcado e nivelado, é irrigado com um oleo composto de asphalto e petroleína que o penetra profundamente ; o asphalto absorve e a petroleína serve de cohesivo.

O oleo preparado para esse fim custa vinte e cinco mil réis, mais ou menos, a barrica de 163 litros, empregando-se, conforme a largura da rua ou do caminho, e a importancia do trafego, cerca de 300 barricas por milha. A despeza é consideravel, mas depois da primeira lubrificação com algumas semanas de repouso, faz-se uma segunda irrigação com o mesmo oleo, e o caminho torna-se liso e, sobretudo, muito limpo.

Não ha vento, não ha attrictos que levantem poeira, de tal maneira se solidifica, definitivamente, a superficie.

Toda a California adoptou esse systema, cujas vantagens são incontestaveis.

\*\*

*As nossas habilidades — Aeronautas e telegraphistas — Os melhoramentos do sr. Lamarão na radio-telegraphia.*

Como os brazileiros se têm dedicado ás pesquisas no vasto campo do espaço para a navegação aérea, pa-

rece que se concentrou nesse objectivo a nossa phantasia de inventores.

Ha poucos dias, publicou a *Gazeta de Noticias*, uma interessante entrevista sobre o novo balão do capitão Adriano de Miranda, um guapo official filho da terra de Julio Cesar. E ha muita gente que tem o seu balõesinho engatilhado, não ousando atiral-o á publicidade.

Fóra desse ramo da physica, não temos inventores ; não se desenvolveu ainda entre nós essa profissão, muito vulgar nos Estados Unidos da America, onde é muito frequente ler-se num cartão o endereço e a occupação — *inventor*. Isto significa que o individuo é um pioneiro das zonas ainda escusas, vedadas á sciencia, a infinita zona do mysterio, do ignoto, a apertar a diminuta área conquistada pela intelligencia do homem.

Não temos inventores, mas é forçoso reconhecer que os nossos patricios têm admiraveis facultades de assimilação ; são todos excellentes artistas ; pódem rivalisar com o chinez, com o japonéz, na perfeição da habilidade manual e na tendencia para os trabalhos de paciencia e de minucia.

A prova disso é, para dar um exemplo expressivo, que possuímos os melhores telegraphistas do mundo, educados em poucos mezes, em poucos dias de exercicio. A manobra com os apparatus modernos de Baudot, os quaes demandam, na Europa, longo tirocinio, foi em alguns dias ensinada e aprendida com exactissima proficiencia pelos rapazes da estação central dos telegraphos, causando isso verdadeiro pasmo ao profissional francez, que o nosso governo mandou contractar, expressamente, para exercitar o pessoal brazileiro nessa manobra complicada de inestimaveis vantagens.

Temos, de sobejo, vocações decididas, promettedoras, que afloram nas officinas em revelações brilhantes e desfallecem por falta de cultura, por falta de animação, descoroçoadas, a maior parte, pelo nenhum caso, pelo desdém tradicional votado ao que é nosso, ao producto do engenho, da actividade indigena.

Nestas columnas, descrevemos aos nossos leitores o invento do sr. Torquato Lamarão, o torpedo dirigivel que os scientists da terra consideram de applicações extraordinarias como instrumento de destruição e como um apparelho que sente, pensa e se move, como si a intelligencia do inventor se transmittisse ao seu mechanismo pelo conducto das ondas hertzianas. Temos, agora, o prazer de noticiar que aquelle nosso conterraneo introduziu na radio-telegraphia melhoramentos, em vão procurados pelos mais habéis especialistas europeus e americanos do norte, sanando os defeitos que, até

pouco tempo, pareciam irremediaveis e retardavam o desenvolvimento da prodigiosa invenção de Marconi, desde 1897

E, como a radio-telegraphia é, hoje, depois dos brilhantes successos dos japonezes, no mar e na terra, um elemento de primeira necessidade para o exercito, visto que da rapidez e da precisão dos meios de communicação depende a victoria, ousamos lembrar ao sr. ministro da Guerra o aproveitamento deste ultimo invento, e a necessidade de crear um corpo de radio-telegraphistas, a exemplo do que se fez no exercito allemão, applicando a telegraphia á guerra de fortaleza do mesmo modo que a syntonisação.

No exercito allemão ha, para esse fim, uma secção especial, comprehendendo um effectivo de 8 officiaes, 15 inferiores, 85 homens e 40 cavallos, ligada a um batalhão de telegraphistas.

Adoptar as idéas, os melhoramentos, as invenções dos nossos compatriotas é o mais vantajoso meio de animal-os, de dar-lhes estimulo e incentivo para o trabalho. Venha do mais humilde como do mais brilhante individuo, uma idéa nova é sempre digna de acolhimento. Em alguns paizes quem consegue suscitar o novo, o inédito, em qualquer ramo de industria, em qualquer terreno de conquistas intellectuaes, é um homem feito, um homem. Entretanto, se devem reputar felizes aquelles que não são immediatamente inscriptos na ridicula classe dos visionarios ou dos malucos ; porque se figura loucura descobrir, entre nós, neste ignorado recanto do planeta, coisas que escaparam aos sabios, aos clarividentes dos paizes cultos.

Contamos poder informar, brevemente, os nossos leitores dos resultados definitivos das experiencias radio-telegraphicas do sr. Lamarão.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*O primeiro encontro do exercito de Osorio — A morte de Cabrita — Ilha da Redempção, submergida 37 annos depois.*

Foi a 10 de abril de 1866, Costa Mattos, Amarilio, Eugenio de Mello e eu—uns sentados, outros de cócoras em torno do fogão — tomavamos o chimarrão, cevado pelo anspeçada Quintiliano, nosso faxineiro, uma das melhores praças da terceira bateria.

Acampavamos com o nosso regimento — o 1.º de artilharia a cavallo— junto á barranca do Paraná, no Passo da Patria.

Entre o acampamento e o forte paraguayo de Itapirú, via-se, vagamente, o escuro perfil de ilha do mesmo nome, guarneçada, então, por dois batalhões de infantaria, alguns canhões do 1º de artilharia e um grande contingente do batalhão de engenheiros, que a fortificára.

A noite estava serena e clara. Tendo deante dos olhos o sólo inimigo, conversavamos trocando idéas e previsões.

—Quando pisaremos terra paraguaya?

—Breve; já tomamos posição para a passagem.

—Não creio que seja por allí, de frente do Itapirú.

—Nem eu. O Lopez nos espera, no Passo da Patria, com o grosso do seu exercito. O Paraná é um rio immenso e a operação será das mais difficeis e perigosas.

—Por allí ou por outro ponto é preciso passar, e, quanto antes, melhor.

Eram rapazes de 18 a 20 annos, cheios de vigor, ardentes de enthusiasmo, cerebros povoados de illusões; estremeciamos a Patria e aspiravamos, na sua desaffronta, o nosso quinhão de gloria.

De repente, nos levantámos, como impellidos por invisivel e potente móla. Ouvimos o crepitar de fuzilaria. O rio illuminou-se de scintillações fugaces, o canhão rugiu e a metralha chocallava sinistra. O corneta-mór do quartel general deu o toque de commando chefe e sentido. Todas as cornetas do exercito repetiram-no como um echo multiplo; e, logo após, o de alarma, solemne, emocionante, ao principio lento e quasi plangente, terminando rapido e alegre.

Como é suggestivo esse toque de convite á lucta para o soldado, que o escuta exaltado com o pensamento empolgado pelos nobres impulsos do dever civico!...

Corremos aos nossos canhões. Eramos, os quatro, chefes de peça. O velho Mallet, commandante e pae do regimento, surgira com sua magnifica figura de athleta, o rosto meigo e nobre, illuminado de grandes olhos fulgurantes, e percorria calmo e sereno as baterias, fumando e mastigando o grande cigarro de palha, forte, muito grosso e sempre cheio de sarro, occultando numa nuvem de fumo os grandes bigodes de Vercingetorix.

O Joãosinho, como elle chamava o filho querido, que é hoje marechal e foi um dos nossos mais uteis ministros da Guerra, estava perfilado no centro da nossa bateria.

Officiaes e praças, olhavam, todos anciosos, para a ilha que se lhes figurava em festa: as scintillações do tiroteio e os fulvos relampagos do canhoneio, a se succederem rapidos, davam-lhe o aspecto de um arraial de minha terra, queimando um *fogo de planta* de variadas peças.

Cabrita, Tiburcio, Sampaio, todos os camaradas valorosos, que lá pelajavam, praticavam, em porfia homerica, feitos de gallardia, prodigios de bravura.

Os paraguayos, aproveitando a noite, haviam atravessado o canal estreito entre o forte e a illia, para surprehenderem a denodada guarnição num assalto inesperado, fulminante. Foi tremendo o encontro. Era a primeira vez que o exercito de Osorio cruzava as armas com as forças do dictador Lopez. De quem seria a victoria?

A guarnição brazileira, inferior em numero, não recebia reforços, ao passo que o inimigo assaltante augmentava, continuamente, com as levas de guerreiros fortes e fanaticos, que innumeras cauôas, abrigadas pela escuridão, iam despejando na praia arenosa.

Os nossos peitos arfavam ao palpitante precipite dos corações. Si pudessemos transpor o rio, tomar parte no combate!...

A fuzilaria dos nossos ia rareando as fileiras inimigas; a metralha ceifava pelotões inteiros, e a bayoneta, *sabia* ou não, rasgava rangindo as carnes sadias dos paraguayos heroicos, defensores obstinados do Supremo.

A lucta se prolongou cada vez mais accessa, mais tetrica, mais sangrenta. Já alguns rostos morenos, com as boccas negras de polvora dos cartuxos que mordiam, no afan de repetir os tiros mortiferos, tendo o olhar parado numa sinistra expressão de ferocidade, cabeças ensanguentadas, cobertas por barretinas de couro, negras, com a larga faixa tricolor, assomavam por momentos esparsas na crista do parapeto, para logo rolairem no fundo do fôssão aos golpes das espadas, das

bayonetas e das coronhas, brandidas como esmagadoras massas.

Na esplanada, na contra-escarpa, na berna, na praia, por toda a parte, ouviam-se gemidos, gritos de raiva, injurias crueis, gallhofas grosseiras, vózes de commando, vivas á Patria, vibrações de clarins: era um tumultuar medonho e tragico.

Um menino, valente como o anjo da guerra, Rodrigues Torres, caíu sem vida; outro e outro, qual mais bravo, mais temerario, allí succumbiram.

No auge da porfia tremenda, surdiu a *Henrique Martins*, passando garbosa por baixo das baterias do forte paraguayo.

O marinheiro, attento, *cantava* a sonda, e o commandante, o intrepido Jeronymo Gonçalves, dirigia a manobra mettendo a pique as embarcações, que conduziam mais reforços ao inimigo, e cortava a retirada áquelles que os defensores da ilha arrojavam ao rio.

Cessou o fogo. De quem seria a victoria? Houve um angustioso momento de anciedade, de horrivel incerteza. Era um espectaculo innenarravel o do exercito debruçado á margem do rio, numa immobilidade cruciante, prescrutando a treva, mais densa após a extincção dos clarões do combate. Subito, ouvimos os sons da alvorada festiva, que assignalava as nossas victorias. O hymno nacional, vibrante, glorioso, arrebatou as nossas almas juvenis, e a imagem adorada da Patria, numa irradição de apothese, deslumbrou os nossos espiritos de moços soldados.

Debandou o regimento. Recolhemos ás nossas pequenas tendas de campanha e fômos descansar no silencio, que após o fragor da peleja, dominava mysterioso aquellas margens tragicas,

Eu era quasi um menino. Obedecendo ao sentimento religioso, que minha mãe me inoculára no coração, prostrei-me e rezei compungido pelos nossos compatriotas heroicos, pelos valentes soldados do Dictador, adversarios irmanados no seio da morte, igualmente dignos da prece de um crente.

Amanheceu. O sol doirava o doloroso scenario. Cabrita, a bordo de uma chata, atracada á ilha, desde a vespera memoravel, redigia a parte do

combate. A sua grande alma de soldado surgira do lance satisfeita pelo cumprimento do dever, e na frente, larga e fidalga, refulgiam raios de gloria do Brazil amado.

Carneiro da Cunha, Woolf, Sampaio estavam junto delle.

Abre-se um clarão na margem inimiga, ouve-se um rugido lugubre, atoador, e os quatro bravos tombam despedaçados. A pontaria fôra de mestre. Cabrita, nosso instructor, havia tambem instruido artilheiros de Lopez. Um discipulo, talvez um amigo, desfechára aquelle golpe.

Esta catastrophe nos acabrunhou de magua. Todos queriam, veneravam todos o tenente-coronel Villagran Cabrita, sempre bom, austero e nobre.

\* \*

A ilha Itapirú mudou de nome. Chamaram-lhe—Ilha Cabrita, em honra do seu heroico defensor; deram-lhe o nome de — Ilha Carvalho, por ter planejado as suas fortificações, o illustre tenente-coronel dr. Carvalho, professor de arte militar na escola da Praia Vermelha; baptisaram-na ainda de Ilha da Redempção, porque foi alli que o exercito de Osorio pelejou pela primeira vez para libertar um povo do jugo feróz de uma série de tyrannos crueis.

O exercito, poucos dias depois, passou o Paraná e seguiu, na sua marcha gloriosa, até consumir a redempção do Paraguay, nas margens do Aquidaban.

E a ilha alli ficou solitaria, abandonada, na serenidade perenne de um trophéo, como immortal monumento do assombroso feito das armas brasileiras.

\* \*

Trinta e sete annos depois daquella noite inolvidavel, descia eu o Paraná a bordo do *Annita Barthe*, pequeno vapor que levava a Buenos Ayres a commissão demarcadora dos limites com a Republica Argentina. O rio estava baixo. Passámos roçando o salto do Apipé. Pedi ao commandante que me avisasse, quando estivesse perto do Passo da Patria, tal era a curiosidade de rever aquelle sitio de tantas recordações tristes e alegres.

Ao despontar do dia, saí do camarote e percorri com o olhar ancioso a

payzagem, que se me figurava outr'ora mais bella. Não pude ver o Passo da Patria paraguay. O argentino de frente, com as suas casinhas brancas, tinha um aspecto risonho. Do velho forte Itapirú, nem muralhas derrocadas appareciam. A matta as occultava inteiramente, invadindo-as, sepultando-as na viçosa floração da paz como si apagassem os vestigios da tremenda guerra.

Procurava, em vão, a ilha, manchando o colorido dos tons purpurinos da madrugada na superficie do rio.

— E a ilha? — perguntei ao commandante, velho pratico do rio.

— Desappareceu — respondeu-me elle, no tom de indifferença da raça guarany.

— E' possivel?!... quando?...

— O Paraná tragou-a. Neste momento, navegamos por cima della. O canal passa, justamente, por aqui... Ha muitos annos que se foi...

E apontou a esteira de espumas que o vaporsinho ia deixando.

O rio gigante, no incansavel esforço para equilibrar o seu extensissimo perfil, cavando, onde encontra, ora os schistos argilosos, ora os duros grés vermelhos, e alhúres os basaltos ainda mais duros, destruiu, em uma das enchentes, aquelle obstaculo á sua grande obra.

No Brazil, o homem discute si devem desapparecer ou ficar nos museus os trophéos daquella guerra de extermínio. O velho Paraná, porém, filho do planalto central e portanto brasileiro, entendendo, ao seu modo, a fraternidade americana, do qual é poderoso elemento, devorou a gloriosa ilha com as suas armas em pedaços, com os seus esqueletos de heróes. Ao principio, nivelou as trincheiras, aterrou os fossos, arrebatou as cruces dos tumulos e lavou das areias o generoso sangue que as ensopára. Não lhe bastava, porém, essa exterminação de vestigios: foi além — fez desapparecer, para sempre, o theatro do combate sangrento, a testemunha eloquente de uma guerra, sem tregua, entre povos que hoje se amam.

O rio Paraná foi, talvez, mais fraternal e philosopho que o homem.

A ilha Cabrita desappareceu; mas nem a voragem do tempo, mais impetuosa que a caudal do immenso rio, conseguirá extinguir a memoria dos

bravos, que vive immortal nos corações brasileiros, e passará á posteridade sempre mais querida, sempre mais gloriosa.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## A CRISE DE MARROCOS

O enfraquecimento da Russia e a consequencia logica que dahi decorreu, a ruptura do equilibrio europeu, já deram ensejo ao apparecimento de symptomas indicadores da approximação de uma nova crise, cuja magnitude talvez exceda as proporções da lucta ora travada entre a Russia e o Japão. Fiel ao plano que, de ha muito, se impoz, julgando até chegada a hora propicia, interrompeu brutalmente o governo de Guilherme II a paz egoista da Europa e, com o incidente theatral de Tanger, buscou demonstrar que a *Volkspolitik*, tão estremecida pelo kaiser, não se limitava a simples theoria: passava para o terreno pratico da realidade.

O novel principe de Bülow, agraciado, coincidencia singular, com este titulo no mesmo dia em que Delcassé apresentava o seu pedido de demissão, argumenta hoje, quando interpellado a respeito do silencio de um anno por elle observado em relação ao convenio anglo-francez, que delle não recebera communicação official, resolvendo-se a agir sinão em occasião exigida pelos interesses do Imperio; tal procedimento, além de provar a evidente fraqueza de memoria do chanceller allemão, tornou-se indicio seguro do motivo occulto que inspirára semelhante politica adiando para momento opportuno a declaração destinada a pôr em evidencia a interferência da Allemanha na questão de Marrocos. A communicação do tratado de 8 de abril de 1904, feita a Berlim pelo sr. Delcassé, não provocou reparo contradictorio do sr. de Bülow, emquanto a sorte das armas não se pronunciava entre os dois combatentes da Manchuria; do momento, porém, em que o desastre de Mukden sentenciava, de vez, as esperanças da Russia, a attitude do grande Imperio germanico transformou-se, iniciando elle nova phase: a da acção. Annunciou-a ao mundo o repto de Tanger.

O golpe vibrado magistralmente, em plena quietude e socego, não foi considerado, a principio, como devêra; julgaram muitos que o imperador, assim procedendo, apenas obedecera ao calor de seu temperamento, esquecidos de que em todos os seus actos, por mais extraordinarios que pareçam, jámais perde Guilherme II a noção do objectivo previamente estudado e amadurecido.

A nomeação, igualmente premeditada, do conde de Tattenbach para embaixador extraordinario junto a Abd-ul-Aziz, evidentemente não veio melhorar a situação; antes, agravou-a, dado o modo brusco por que tem agido este diplomata com o sultão de Fez.

As declarações do ex-ministro das relações exteriores perante o parlamento francez e a ratificação dada por este ás suas palavras, demonstram claramente quaes os direitos que a França julga possuir sobre Marrocos, direitos aliás que os ultimos accordos concluidos com a Inglaterra e Hespanha vieram consagrar. Assignando-os, porém, assumia por sua vez a Republica solemne compromisso com aquellas potencias.

As reclamações allemãs, formuladas com precisão e energia, pelo facto de serem diametralmente oppostas ás pretensões francezas, provocaram uma crise de caracter indubitavelmente grave, podendo até assumir proporções extremas no caso de não abrirem mão as duas potencias de suas exigencias.

Melhor ensejo não se podia apresentar para a Allemanha e, na verdade, soube aproveitar-se d'elle.

Privada do auxilio da Russia, isolada por assim dizer em face da Triplice, hesitaria, sem duvida, a França, em virtude da sua delicada posição, em recorrer á *ultima ratio* dos povos; para o kaiser, a situação obrigava a um novo Fachoda como desfecho, com a unica differença porém, e esta capital, de que outra potencia ficaria directamente lesada com a mutação projectada do scenario marroquino. A' Inglaterra não se affigura indifferente que o tutor do sherife seja Guilherme II em vez da Republica Franceza. Dahi, a declaração official do marquez de Landsdowne de que a Grã-Bretanha observaria escrupulosamente as disposições do tratado de 8 de abril, e a pressão exercida sobre as potencias no sentido de contrariar a these allemã de uma conferencia internacional para regular a questão marroquina, cuja reunião fôra solicitada por Abd-ul-Aziz em circular dirigida aos governos estrangeiros.

O apoio moral prestado pela Inglaterra á França veio romper o isolamento em que a julgára a Allemanha, fornecendo-lhe os meios de proceder com mais desassombro, nas negociações entabuladas pelo successor de Delcassé, o sr. Rouvier, com a chancellaria imperial.

No momento actual, aparentemente diminuiu a tensão entre as duas mais fortes nações militares da Europa : a Allemanha, em termos cortezes, reconhece «os direitos especiaes da França em Marrocos»; mas insiste numa Conferencia Interuacional, repudiando implicitamente o accordo anglo-francez e o convenio franco-

hespanhol ; ao passo que a Republica, afastando delicadamente a hypothese suggerida pelo principe de Bülow, aponta minuciosamente as razões que lhe assistem para se considerar a tutora do sultão de Fez.

E' pois, da maior importancia a attitude da Inglaterra nesta phase da crise ; como sensatamente julga a opinião viennense, possúe ella a chave da situação e o seu procedimento importa numa ameaça para as tendencias absorventes da megalomania germanica.

Parece-nos que Guilherme II acabará por desistir da Conferencia, que, a realisar-se, nenhum resultado pratico alcançaria, atrazando a solução da crise sinão agravando-a.

No caso de um rompimento armado com a França, teria provavelmente a Allemanha que contar com adversario implacavel que tambem espreita occasião favoravel para destruir a prodigiosa pujança que a infatigavel nação germanica offerece em todos os ramos de actividade. Não é de hoje que a Grã-Bretanha revela profundo rancor pela nova Hollanda que, á imitação da patria de Ruyler e Tromp, procura hoje varrer as esquadras britannicas da superficie dos mares. Basta ler certos discursos proferidos por individualidades de nota ou artigos redigidos por profissionaes para ter idéa nitida do quanto vae de odio entre as duas nações.

No inicio do anno corrente, Arthur Lee, lord civil do Almirantado, visando abertamente a Allemanha, não trepida em declarar que, «antes de publicarem os jornaes a declaração de guerra, golpe decisivo terá vibrado a esquadra britanica»; e o almirante Fitz-Gerald, em artigo sensacional, preconisa o aniquilamento immediato do poderio allemão no mar.

Mas ao lado da lucta platonica, os factos reaes surgem. Em toda a Germania, a idéa dominante é organizar força naval capaz de alcançar para o Imperio o dominio dos mares; como represalias, a Grã-Bretanha, alterando disposições classicas, modifica a composição e distribuição de suas esquadras, diminuindo a do Mediterraneo para crear poderosissima frota no mar do Norte, como vigia dos portos militares e da esquadra do kaiser.

E' uma razão economica que impelle a Inglaterra, de summa importancia, porque a derrota hoje equivaleria para ella a um lento suicidio; isolada no meio do oceano, dominando os mares a sua rival, não mais lhe seria possivel luctar vantajosamente com um commercio, com uma industria que, aos poucos, vão expellindo todos os concurrentes do mercado mundial.

Na Asia-Menor, na China, na America do Sul, é o allemão o concorrente

economico do inglez, concorrente até hoje mais familiarizado com as victorias do que com as derrotas.

O periodo da expansão brutal ainda não foi inaugurado porque a esquadra poderosa, apoio indispensavel para uma marinha mercante de maravilhoso crescimento, não está sufficientemente aparelhada para tão grandioso fim.

Cumpridos, porém, os programmas, a Albion verá surgir competidor que se esforçará por despojal-a do sceptro dos mares..

Encarada friamente a necessidade de pôr um paradeiro a tão formidavel adversario, parece-nos que a Inglaterra se resolve a pôr momentaneamente de lado a sua politica tradicional, buscando o alliado indispensavel. Dahi, a renovação da *entente cordiale*. Collocada pela natureza entre os dois polos oppostos, forte e respeitada, é a França igualmente por ambos solicitada. A qual dos dois escolherá? ou, melhor, que politica procurará adoptar, a da união radical ou a da oportunidade, do equilibrio? Ambas téem os seus inconvenientes a par de innegaveis vantagens; mas, considerando as relações de ordem politica e economica que ligam a França ás duas nações visinhas e attendendo ás actuaes correntes de sympathias bem como aos ultimos factos historicos em que se acharam envolvidas, é de presumir que um accordo anglo-francez, interessando a politica mundial, reúne actualmente maiores probabilidades de exito do que uma approximação dos dois paizes de aquem e além Vosgos.

GASTÃO RUCH.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O SOLDADO

Que saudades tão fundas se arreigam  
Aqui dentro do peito ao soldado,  
Quando, á voz do tambor, deixa a terra  
Onde a vida passou descuidado !

Que saudades ! Dizê-las soubera  
O soldado, correndo á batalha,  
Quando, em vez de carinhos maternos,  
Vê a vida trocada em mortalha !

Mas a morte soffrera-a gostoso,  
Se não fôsse no peito a saudade,  
Que lhe diz que na terra, que é sua,  
Para sempre deixou a amizade.

Mas que importa, se a morte é com honra !  
Se é partilha do pobre soldado,  
Quando, á voz do tambor, deixa a terra,  
Onde a vida passou descuidado !

Mas que valem num peito, que sente,  
Mil sonhadas de lembrança de gloria,  
Se na terra, que a sua, lá deixa  
Quem mil vezes maldiga a victoria ?

Quem dirá á esposa innocente,  
A' chorosa viuva do forte,  
Quem irá lá dizer-lhe que a honra  
Na peleja ao marido deu a morte ?

Quem se atreve a dizer ao amigo,  
Ao amigo de fé verdadeira,  
Que entre balas sem conto, uma dellas  
Lhe arrancou illusão bem fagueira ?

Mas á vóz do tambor cessa tudo  
Que podia sentir o soldado ;  
Té se esquece um momento da terra  
Onde a vida passou, descuidado.

Porque «ávanté !» uma vóz váe bradando  
No immenso fragor da peleja :  
E' a vóz immutavel da honra,  
Que nem mesmo na lucta fraqueja !

Assim vive, assim passa o soldado,  
Comprimindo no peito a saudade :  
Doutra sorte morrêra sem honra,  
Nem dos bravos lucrára a vaidade.

E lá segue e defende a bandeira,  
Que lhe serve de guia sagrada ;  
E só fica na lucta vencido,  
Quando a vê já por terra prostrada.

E' então que renova a saudade  
Aqui dentro do peito ao soldado ;  
Quando, á voz do tambor, lembra a terra  
Onde a vida passou descuidado !

L. A. PALMERIM.

\* \* \*

#### SAUDADES

A'quella hora, os caçadores chegavam á Lomba da Samardan, onde as gallinholas se emboscavam nas ramarias dos córregos socavados pelos enxurros que, no inverno, esbarrondam do espinhaço da serra. O sol queimava. Eram as ultimas calmas de fins de agosto. As urzes mosqueadas de laminações oscillantes coadas pelos azinhaes e medronheiros, esfarellavam as suas florescencias rôxas resequidas.

Guilherme, fatigado por duas estiradas leguas no trilhão escabroso da serra, já não podia acompanhar o passo firme, rapido e incansavel do padre João. Deixou-o galgar a garganta da Lomba, com a perdigueira adeante a fariscar, e sentou-se á beira de um relvêdo muito sombrio, perolado das camarinhas do orvalho.

Os meandros de agua, descaíndo a fio, alimentavam aquella refrigerante alfombra, como oásis naquella sargaçal tosado pelos rebanhos das ovelhas. Os fios da agua escorriam confluentes um pouco abaixo, encanados por folhas de castanheiro que os pastores ageitavam em bica de fonte, onde bebiam. Ali, a agua estancava e alastrava-se em uma lagôasinha limosa onde coaxavam alternadamente as rãs, quando á volta dellas se fazia uma quietação tranquilla e desassustada.

Reclinado sobre o braço direito numa somnoſencia de pesadello, Gui-

lherme reatava os élos da sua cadeia de tristezas, que, raras horas, de dia e de noite, se desatava. A soledade era-lhe sempre funesta. Nunca das suas meditações lhe ficára na alma um sedimento de esperanza que o alentasse— esperanza que acompanha os maiores desgraçados como uma zombaria agradavel e adorada, até que se esconde delles por traz da sepultura. A elle, nem isso. Quando alongava olhos da alma até ao horizonte do seu porvir, acastellavam-se nuvens sobre nuvens negras, uma barra de ferro, tudo noite caliginosa de sol a sol.

Mas, naquella hora, ao fundo da sua desventura, tinham estillado umas gottas do balsamo da imaginação—as lagrimas da poesia, mixto de amargura da terra e de nostalgia do céu.

Vinham de longe, do descampado Valle de Aguiar, toadas luentes de um dobre a finados. Ah! que triste! Quando se tem coração, lá nas solidões da montanhas, a gente sente o arfar de dôr, batido por aquelles soluços do bronze. Quem teve caricias de mãe e a providencia de um pae, escuta-os nesse gemer ondulado dos presbyterios, chora, e deseja morrer.

Guilherme refugira de si, da sua zona tenebrosa para outra existencia que o alumiasse. Valera-se da Fantasia, que é, ás vezes, a Beatriz do florentino, a guia divina na espiral dos circulos infernaes.

Espertára-o deste enleio o cantar de uma pastora que não via. As ovelhas alcandoravam-se nos algares da encosta que lhe ficava em frente; mas elle tambem não via a pegureira, que se resguardava do sol no recesso de umas fragas alcantiladas. A melopéa era a das cantilenas, á desgarrada, das provincias do norte, que lá em cima nos echos das montanhas vibram como os gemidos de uma saudade immensa. A lettra dizia assim :

O' fonte, que estás chorando,  
Não tardarás a seccar :  
Mas os meus olhos são fontes  
Que não param de chorar.

Ai ! triste da minha vida,  
Ai ! triste da vida minha !  
Quem me dera ir contigo  
Onde tu vaes, audoriinha.

Rouxinol canta de noite,  
De manhã a cotovia ;  
Todos cantam, só eu choro  
Toda a noite e todo o dia.

O' aguia, que vaes tão alta  
Por essas serras d'além,  
Leva-me ao céu, onde eu tenho  
A alma da minha mãe.

Guilherme não ouvira claramente as trovas todas; mas a ultima decorou-a, verso a verso, porque a vóz da cantora modulára pausadamente as palavras, com uns requebros mais demorados e gementes :

Leva-me ao céu, onde eu tenho  
A alma da minha mãe.

Elle tinha perdido a sua, muito na infancia; mas lembrava-se de a ver

viva, e muito mais se recordava de a ver morta sobre uma eça, na sala de visitas, ladeada de tochas. O pae tinha-o pela mão, e estava de joelhos. Alguas pessoas, vestidas de preto, levantaram-lhe o pae pelos braços, e tiraram-no á força daquella sala. Recordava-se disto, com os olhos vidrados por lagrimas de saudade nunca sentida tão pungentemente. Era o dobre a finados no valle d'Aguiar; era o tom mésto das cantigas da postora : ao longe, o azulado remoto das montanhas do Douro; depois, o verdejar indeciso das pradarias da velha Panoyas, envoltas nas neblinas da calma; o castello de S. Thomé, um morro pyramidal que topetava no céu com o vertice, como um pilar do firmamento; uma nuvem cinzenta mensageira da trovoadá que já reboava na ultima cortina das serras; e dum castanhal cerrado, lá em baixo na chã, saía o arrulhar de rôlas, que imita o gemido esterturoso dos agonisantes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\* \* \*

Ainda está bem a proposito se publicar a parte mais importante de um discurso de Tobias Barreto, pronunciado, segundo uma nota do sr. Sylvio Romero, «aos dez de julho de 1882, numa festa dada em honra a Carlos Gomes, festa na qual se libertaram duas creanças escravas.»

---

CARLOS GOMES

... ..  
E' a grande questão, pois não se trata mais de entoar um hymno ao merito do *maestro*, e tão pouco de lhe prometter, em nome do futuro, que muitas vezes não passa de um *tempo do verbo* na grammatica, ou de uma simples *esperança messianica* na eschatologia dos povos modernos, um sem numero de monumentos mais duradouros que o bronze...

Não se trata de repetir, pela millesima vez, que Carlos Gomes é um genio e suas obras outras tantas revelações do espirito nacional. Tudo isto está dito.

Insistir sobre este assumpto, variar sobre este thema, que já se tornou vulgar, com o concurso mesmo de novas flôres e novas palmas, é uma especie de pleonasmio esthetic. Entretanto, apresso-me em pedir que não se me traduza ao pé da lettra.

Ainda que eu tivesse as melhores idéas a oppôr ao frenesi provocado pela presença do *maestro*, seria, ao certo, fazer acto de desazo, quando não de criminosa incivildade, querer

temperar o vinho que transborda da taça dos outros com a agua da minha taça.

Mais do que uma incivilidade, seria até uma tolice; e posto que eu seja daquelles que, em collisão de tolices, antes querem *practical-as* do que *dizel-as*, não cária na fraqueza de praticar uma tal.

Bem pôde parecer, pela maneira de me exprimir, que me acho num estado de *anesthesia intellectual* em relação aos motivos que determinam presentemente o arroubo popular. Nada, porém, de mais erroneo.

Ninguém comprehende melhor do que eu a significação e importancia dos applausos derramados sobre a cabeça do illustre componista, como tambem, mais do que eu, não ha quem sinta a necessidade de ver a Nação inteira, esta grande aguia, que vive aliás em perpetuo chôco, reunir-se no pensamento de uma gloria commum, qual é a posse de uma notabilidade artistica, e deste modo manifestar-se ao mundo debaixo de outra fórma, que não a de um simples *conceito geographico*, e por alguma coisa de mais do que gestos e attitudes de uma superioridade, que ella, de facto, não tem.

Eu sei que difficilmente pôde agradar aos patriotas de *bon aloi*, quem não está pelos seus adjectivos e pelas suas interjeições.

Mas nem por isso me julgo com direito ao *monstrari digito*, como um pyrrhonic e um pessimista intolerante.

Contenho-me dentro dos justos limites.

A moderação tambem entra no reino do enthusiasmo.

Neste sentido, subscrevo de bom grado as palavras do notavel italiano Francesco de Sanctis: — Non conosco arma piú violenta che la moderazione del linguaggio accompagnata con la buona fede: ne nasce una persuasione irresistibile. — Uma verdade, pois, falada ou escripta, uma só verdade, moderadamente expressa, é muito mais honrosa para o nosso componista do que cincoenta mentiras dithyrambicamente cantadas.

Meus senhores! — Lembro-me de ter lido na *Emilia Galotti*, de Lessing, as seguintes profundas palavras, que o poeta collocou na bocca do principe conversando com o pintor: «Vós bem

sabeis, Conti, que o maior louvor que podemos tecer a um artista, é esquecermo-nos delle, absorvidos pela contemplação da sua obra.»

Quero crer que estas palavras encerram um principio verdadeiro, porém, ao certo, de difficil applicação.

Quem seria capaz de se deixar sempre medir por semelhante bitola?

Se o maior elogio que se fizesse ao artista consistisse justamente em não pensar na sua pessôa, por amor da sua obra, podia-se então assegurar que o *maestro* brasileiro não foi até aqui sufficientemente elogiado, pois ninguém ainda se esqueceu delle, para só se recordar dos seus trabalhos.

Mas eu acceito a rigorosa verdade expressa pelo celebre progonio da litteratura allemã. E' uma medida talhada para tomar o tamanho de gigantes.

Tanto melhor. Quero applical-a ao nosso componista.

Depois de mil preitos rendidos á sua pessôa, chegou tambem o momento de esquecermo-nos della, sómente para prestar homenagens a uma das suas grandes obras. Mas vêde bem: esta obra não é nenhuma das suas brilhantes composições musicaes; é um producto muito mais brilhante, porque é um acto humanitario, porque é a liberdade, em seu nome e por sua causa, restituída a dois infelizes.

Aqui e agóra é que comprehendo a exactidão, com que um escriptor dos nossos dias, Carl Fuchs, em seu interessante opusculo — *Virtuose und Dilettante*, pôde dizer que ha na musica *alguma coisa que não se ouve*. Perfeitamente. Esta alguma coisa, que não se ouve, acabo de comprehendel-o, é o bem que a musica nos faz; mais ainda do que isso, é o bem que ella nos obriga a fazer aos outros.

Eis o caso; e o caso é comvosco, *maestro*. Tendes tido toda especie de triumphos. Se tudo que Pernambuco já havia até hoje feito para vos glorificar, não correspondia exactamente ao merecimento do artista, ao menos é innegavel que chegava para satisfazer a vaidade do homem.

Nesta conjunctura, um grande porção da classe commercial do Recife, por uma feliz inspiração, entendeu que devia pôr o individuo, com todos os seus triumphos, com todas as suas glorias, a serviço da humanidade; e vós que até o presente tinheis sido o

objecto supremo do enthusiasmo geral, vos convertestes em pretexto e occasião de um acto generoso.

E não ha duvida que servir de motivo, prestar-se como meio para a pratica de uma nobre acção, é mil vezes mais glorioso do que *ser alvo* de quantas manifestações se inventem para festejar o talento de um homem.

Permitti, illustre sr. Carlos Gomes, que vos diga uma verdade. A deusa da verdade não costuma pintar o rosto, nem usa de véo. Mais oito ou dez gerações, e as vossas musicas, hoje tão apreciadas, ninguém mais cantal-as-á. Posso affirmal-o em nome do progresso e da cultura humana. Mas este quadro, como quaesquer outros semelhantes, que se executem por vossa causa, nunca será esquecido. O ruido dos applausos e ovações, que suscitais, talvez não chegue nem siquer á altura em que as aguias vôam, e muito menos áquella em que se diz que os anjos cantam; porém, bem alto, aos ouvidos do grande *alguem*, se é que lá existe *alguem* que nos observa, chegarão as benções emanadas dos labios e do coração destes pobres entes, que por amor de vós acabam de ser libertados e entregues á sociedade, que anciosa e agrecida os espera.

TOBIAS BARRETO.

\* \*

#### MINISTROS DE PENNA

E' tal o poder, a occasião e a subtilidade d'este officio de ministros de penna que com um geito de mão, e com um torcer de penna podem dar vida e tirar vida. Com um geito podem dar-vos com que vivaes, e com outro geito podem-vos tirar o com que viveis.

\* \*

Quantos delictos se enfeitam com uma pennada! Quantos merecimentos se apagam com uma risca! Quantas famas se escurecem com um borrão! Para que vejam os que escrevem, de quantos damnos podem ser causa, se a mão não fôr muito certa, se a penna não fôr muito aparada, se a tinta não fôr muito fina, se a regra não fôr muito direita, se o papel não fôr muito limpo!

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de penna, e muito mais áquelles que sobre um joelho aos pés do rei recebem os seus oraculos, e os interpretam e entendem. Elles são os que com um adverbio podem limitar ou ampliar as fortunas; elles os

que com uma cifra pôdem adiantar direitos e atrazar preferencias; elles os que com uma palavra pôdem dar ou tirar peso á balança da justiça; elles os que com uma clausula equívoca, ou menos clara, pôdem deixar duvidoso e em questão o que havia de ser certo e effectivo; elles os que com metter ou não metter um papel, pôdem chegar a introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem; elles, finalmente, os que dão a ultima fórma ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo.

Todas as pennas, como as hervas, teem a sua virtude; mas as que estão muito chegadas á fonte do poder, são as que prevalecem sempre a todas as outras. São por officio ou artificio como as pennas da aguia, das quaes dizem os naturaes que, postas entre as pennas das outras aves, a todas comem e desfazem.

\* \* \*

Se perguntardes aos grammaticos d'onde se deriva este nome calamidade, *calamitas*, — responder-vos-hão que de *calamo*. E que quer dizer calamo? Quer dizer canna e penna; porque as pennas antigamente faziam-se de certas canas delgadas. Por signal que diz Plinio que as melhores do mundo eram as da nossa Lusitania.

Esta derivação ainda é mais certa na politica que na grammatica. Se as pennas de que se serve o rei não fôrem sãs, destes calamos se derivarão todas as calamidades publicas e serão o veneno e a enfermidade mortal da monarchia, em vez de serem a saúde d'ella.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

### MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

POEMETOS DE LORD BYRON, VERTIDOS PARA VERSOS PORTUGUEZES PELO BARÃO DE PARANAPIACABA.

O sr. barão de Paranapiacaba, um dos magnos pontífices da litteratura brazileira, publicou a versão de *Mazeppa* na revista litteraria *Kosmos*; editou a da *Parisina* na *Renascença*; a traducção de *Giaur* no *Jornal do Commercio*; reproduziu-as em folhetos, nitidamente impressos.

Byron, ainda hoje, é um nome que desperta, em todos os espiritos, admiração, que rarissimos poetas obtiveram; menos na Inglaterra, sua patria, onde era um escandalo, até certo tempo, proferir o seu nome; onde não creou escola; onde foi suplantado por outros, que se curvavam mediocres em presença de sua descommunal estatura.

A despeito da *moda*, que tanto o preconisára, ainda continúa a ter admiradores nas litteraturas dos po-

vos cultos. Entre os admiradores, avulta o sr. barão de Paranapiacaba, exhibindo trez versões em primorosos versos portuguezes, as quaes, pelo valor da metrificacão, pela irradiacão das idéas, pelo primor da linguagem, pela lindeza do desenho, vivacidade do colorido, harmonia, elegancia e, mórmente, pelo esmerado labor da fórma, não só confirmam comprovados e excepcionaes talentos; evidenciam, no espirito do traductor brazileiro, um poeta, que não se eclipsa e possúe as potentes vibrações, as sentimentaes explosões, as prodigiosas concepções do sublime bardo inglez.

As traducções, que, quasi sempre, não passam de pallidos reflexos, pelo contrario, nas paginas do traductor brazileiro, primam por qualidades apreciaveis, audacia, brilhante phantasia, penetrante e expressiva comprehensão das paixões, de tal sorte que não se pôde dizer que o traductor é um echo inconsciente, um simples reflexo, sem o impulso do artista — que sente e se agita; que lança das profundezas da alma o rugido do desespero, ou o canto repassado de deliciosa melodia. O traductor de Byron deixa-nos em duvida; não sabemos qual das duas naturezas imita e reproduz a outra. Os dois poetas apparecem inspirados, fortes e luminosos.

Não esmoreço deante dos riscos de tratar dum objecto, que só pôde interessar, especialmente, aos cultores das letras.

Bem sei que, mesmo entre elles, vou fallar de assumpto tantas vezes discutido e, portanto, sem o enlevo da novidade. Bem sei que não ha, ahi, um escolar noviço, que não pronuncie o nome do auctor de *Lara*, de *Giaur* e *Mazeppa*, muito embóra nunca os tenha lido e menos comprehendido e meditado.

Byron, como Homero, Eschylo, Virgilio, Dante e Shakespeare, é uma figura desaparecida, mas vivente na memoria de todos. Já estão consagrados e opulentam o patrimonio accumulado pela exuberancia do pensamento das gerações, que se succedem e fórmam a solidariedade inquebrantavel do genero humano.

Causará talvez estranheza ter dito que Byron, havendo influido effectivamente em todas as litteraturas europeas, não creou escola em seu paiz. Sem duvida, as pessoas, versadas nas letras inglezas, não ignoram que esse facto é incontestavel e procede de motivos especiaes da vida íntima e de preconceitos da moralidade, dos instinctos e sentimentos da raça britanica, instinctos, preconceitos e sentimentos que o poeta desdenhou desde logo e, por assim dizer, calçou aos pés com insolente altivez.

A biographia, as obras, o genio, o tempo, em que viveu Byron; emfim, o

movimento litterario resultante de sua influencia, (1) de suas inspirações, tendo já tem sido esmerilhado, criticado e exaggeradamente encarecido, ou condemnado por diversos e numerosos escriptores, durante o seculo XIX. Assim que seria uma *novidade nova* apresental-o, ou estudal-o, sob ponto de vista não cogitado. Ainda mais: como Byron exerceu intenso influxo no movimento litterario do seculo, o cosmopolitismo, a propaganda naturalisaram-no por toda parte, identificaram-no com os poetas, que viviam então, ou que appareceram logo depois.

Não obstante, as hypocrisias e o formalismo, a propria Inglaterra, que o condemna, repelle e proscree, admira, em silencioso extase, a omnipotencia do genio, que lança fulmineos clarões nas estrophes de *Child Harold*, ou nas infernaes ironias e torpezas de *D. Juan*.

Os poetas de sua temporada, como Thomaz Moore, Shelley; os lakistas Southey, Wordsworth, Coleridge; os néo-hellenos Keates, Savage Landor, são-lhe inferiores e não nobilitam o orgulho da nação, que, nessa epocha, luctava heroica e freneticamente contra o mais terrivel inimigo, que ainda houve: era este o dominador da Europa, victorioso desde Marengo até Friedland. Estava a Inglaterra com elle empenhada num duello de morte, detestando-o e simultaneamente admirando-o. Ella, como observa um historiador, o temia e reputava um gigante, a quem o odio mais engrandecia. Contemplava nelle — o Deus da guerra, ou o genio do mal. Nestas horas solemnes, (continúa) as nações não téem só necessidade dum general, precisam tambem dum poeta.

A Inglaterra possuía um Tyrteo, capaz de amaldiçoar Napoleão em termos condignos da victoria de Waterloo; nem, ainda assim, esquecia e perdoava a criminosa audacia, com que Byron a esbofeteára, expondo ás risadas do mundo as hypocrisias da sociedade ingleza...

Aquelles poetas, encomiados como os melhores, eram subalternos, mediocres, deante do *lord Côxo*, mas prodigioso cantor, que a todos dominava.

E' notavel a phase litteraria, em que appareceu. Vamos descrevel-a a largos traços.

A França, que acabava de sair dos horrores e das impiedades da Revolução despertada pela vóz do *Genie du Christianisme*, exaggera a influencia de Byron, proclamando-o e venerando como o propheta da nova éra; tornando essa influencia por de mais estrondosa. Desde o inicio do periodo laborioso e agitado do romantismo, a litteratura franceza levantou, como bandeira de combate, a inspiração do auctor de *Giaur* e de *Mazeppa*. A es-

intellectual duma raça, ou duma epocha. As civilisações, que passam, bebem nellas, como num rio caudaloso, idéas, sentimentos e resultados, adquiridos, á custa de aturado labor de seculos. Victor Hugo, alto e bom som, pensa e declara que *estas devem ser lidas em todos os tempos*.

Qualquer que seja a resolução dos corrilhos, eu, por mim, prefiro seguir a opinião do escriptor francez supracitado e o exemplo do sr. barão de Parana-napiacaba, que, consciente, consagra os esforços de sua intelligencia, tão elevada e nutrida de apurados estudos, a interpretar os carmes do primeiro poeta moderno.

Penso por minha conta e risco; deixo de aceitar e seguir os juizos contrarios. Assim, estou permadido de que o trovador inglez ainda pôde ser considerado sob as multiplas manifestações de seu engenho variado, fecundo e grandioso; por conseguinte, embóra consagrado, será julgado repetidas vezes, conforme opina o escriptor francez.

Os corrilhos litterarios pretendem ter o direito de decidir si um nome deve ser sepultado no esquecimento, ou ser ainda lembrado? E' uma doutrina gafa e sedica, e realmente esterilizada; em nome della, affirmam que a poesia byronniana já está fóra do cyclo das evoluções do pensamento contemporaneo. Espiritos, porém, muito reflectidos, muito competentes e versados nestas materias, pensam o contrario. Varios auctores do estudo das litteraturas comparadas verificam como as mesmas idéas, sentimentos, concepções, penduram, passam, ou reaparecem dumas a outras litteraturas. Em verdade, nada se perde; ou, antes, deve-se reconhecer que os pensamentos creados num periodo transformam-se em outros. O pensamento, como a Phenix mythologica, renasce das proprias cinzas e perpetua-se.

Os idéaes e as concepções, que outr'ora surgiram, illuminando os cerebros dos pensadores, ou de poetas, ainda nos tempos modernos fóram comprehendidos, aceitos e reproduzidos pela alma dum Goethe, ou dum Mazzoni. A hereditariedade do espirito humano jámais se interrompe: é a eterna cadeia de sua existencia.

Provavelmente, no desenvolvimento do presente estudo, consideraremos nos seguintes artigos, tal assumpto, sob o ponto de vista do scepticismo, que tem sido, e ainda é, dominante na litteratura contemporanea.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Le romantisme anglais et son ascendant international datent de Byron. FRED. LOUÏÉE — *Histoire des Litteratures Comparées*.

(2) Nas *Meditações*.

(3) *Child Harold*.

(4) GERVINUS — *Hist. de la Poésie allemande*; EICHKARN *Allgemeine Litteratur des neuern Europa — Niendorf Lenau in Swaben*.

(5) *Lieder der Griechen*—Leipzig—1824.

(6) *Hist. da Litt. allem.*

(7) Treitschke.

(8) Vittorio Ferrari, *Litt. italiana moderna*.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

ROCHA, (Camerino) requintado personagem de Paul Bourget, nascido por descuido no Pará. E' o inventor de uma pequena machina de definir, que condúz sempre consigo, e trabalha a toda hora, para deleite dos amigos que lhe admiram o grande talento. O sr. Rocha nada ouve, nada vê, nada apalpa, nada cheira, sem que, immediatamente, rapida, de um piparote, uma definição salte, novinha em folha e fique borboleteando alli, um fugaz momento, e logo fuja e desapareça.

Possúe uma rara e superior intelligencia, uma alma formosa e rica e uma physionomia bella e extravagante.

E' um grande *poseur*; mas, confessamos, a sua *pose* é bem achada: uma infinita delicadeza de maneiras, um ar de ingenuidade adoravel, e uma ironia aguda, prompta, ferina, profunda.

A sua producção litteraria consiste em criticas, contos e discursos, muitos discursos.

O seu estylo precioso e raro, é tão raro e precioso que não chega para toda gente. Quem conhece por ahi os escriptos do sr. Rocha?

De resto, era no seculo XIX o mais preguiçoso dos homens de talento e sel-o-á ainda no seculo XX.

\* \* \*

CAMPOS SALLES, (Manoel Ferraz de) natural de S. Paulo, vigoroso e corpulento estadista, ex-presidente da Republica e um dos sens salvadores de profissão. Governou, durante quatro luminosos annos, esta paciente e mansa ovelha, este doce Brazil; salvou-o de um dos tantos abysmos que se escancararam a cada passo do despercebido caminhante, e hoje, desejando afastalo de outras voragens, apresenta-se de novo ao Paiz, disputando o abrigo daquelle palacio das horrendas estatuas de ferro fundido, certamente symbolisadoras da Desorganização, Ignorancia, Esbanjamento e Desfalque... O sr. Salles fez a sua aprendizagem governamental, passeiando na Europa e tratando, de soberano a soberano, com o marcial Humberto, com o elegante Eduardo, com o paternal Loubet e com o imperial Guilherme. Da convivencia principesca, trouxe o gosto do

*sport* real da caça, e nas suas sete quintas do Banharão, exercita-se no tiro ás perdizes, enquanto os Amigos lhe preparam a *curée chaude* do mandato presidencial. O sr. Salles não sómente tem as grandes elegancias mo-raes de que se ufanava Cyrano de Bergerac, como possúe um physico vistoso, e faz boa figura numa cerimonia, se bem que a natural corpulencia embarace um pouco o airoso gesto presidencial. Porque se hesita em fazer desse homem notavel o guia dos nossos destinos? Que lhe falta? Veste-se bem, falla francez, e tem o sr. Monteiro (Tobias) para lhe escrever a platafórma. E' impossivel que nos faça maior mal que o já feito.

PEDRO INNOCENCIO.



## O ALMIRANTE (38)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XVII

No coração da marquezia, sob aquella apparente doçura, melancolica, serena, resignada, um odio irremissivel jazia sepultado, aguardando a oportunidade da explosão destruidora. Rara vez, insinuára ao seu dilecto Oscar a hypothese de uma subversão dos elementos dominantes, a necessidade de se constituir um nucleo de resistencia do espirito conservador aos desvarios revolucionarios, ameaçadores do prestigio, da honra da Patria.

— Não pense nisso — respondia-lhe Oscar, com uma segurança que a exasperava — Os factos não justificam essas esperanças; a realidade não permite illusões. O povo não tomou parte na revolução, mas se conformou aos seus resultados e não se empenhará, jámais, numa reivindicção cujo alcance não poderá entender. As classes armadas não concorrerão para a destruição da sua obra. Haverá entre ellas dissensões, mais ou menos profundas, provocadas pelas ambições legitimadas ou desregradadas, que um regresso á monarchia não seria capaz de contentar. Quem ha de operar essa reivindicção? As classes conservadoras, os homens que têm alguma coisa a perder, são avessos aos meios violentos e uma convulsão social prejudicaria na essencia os seus interesses. Não se encontram entre elles os patriotas abnegados, nem os herões. Não se illuda, minha querida. Não se movem ás luctas, embóra legitimadas, povos sem fé, sem idéaes como esse nosso povo pacato, indifferente, que não tem homens capazes de guial-o, nem confia nas figuras mais destacadas no scenario politico. Para elle, como para a maioria dos homens de

cola romantica, decidida e dedicadamente, permaneceu-lhe fiel por longo espaço de tempo. Os principaes poetas, romancistas, dramaturgos, escriptores, que floresceram desde 1820 até 1860, todos imitaram, ou seguiram a inspiração byronianna. Apenas, as poesias do auctor do *Corsario* e de *Parisina* penetraram em Pariz, após as terriveis batalhas terminadas nas planicies e nos montes de Waterloo, fôram acceitas com vivo enthusiasmo, imitadas com plirenético ardor, pervertendo e corrompendo ainda mais a consciencia e os costumes da sociedade franceza.

Desde ali, a litteratura romantica repercutiu como echo retumbante da voz canora, que vinha d'além mar.

Coisa estranha! Byron, que sempre foi eminentemente classico; que amava a siugeleza e pureza antiga; adorava e beijava, respeitoso, os fragmentos da estatuaría antiga em Athenas, foi proclamado supremo arbitro do romantismo!!!... Lamartine, na esplendida florescencia do estro, paga-lhe o tributo de admiração (2) e, ainda no fervor do enthusiasmo, tenta contiunar o seu poema (3). Victor Hugo imita os surtos vigorosos de Lara, ou de *Giaur*; Alfredo de Musset apropria-se da ironia de *D. Juan*, esse devasso capitulado, corrompido e corruptor, e dá-lhe o tom e os requintes da volupia e do impudor pariziense. Emfim, não ha, em França, um poeta, ou romancista, que não tome por modelo o cantor de *Lambro* e de *Boulevard*. O genio de Byron influuiu absolutamente no pensamento e no sentimento francez desde a Restauração, através mesmo do bulcão de 1848, até os primeiros annos do segundo imperio.

Na Allemanha, do mesmo modo, essa influencia apparece amplamente, quer na escola de Souabe, quer na *Saxone* e *Suisse* e no *Sturm-und Drang*. Antes, Goethe e Schiller e mesmo Wieland e Herder, haviam tentado a regeneração litteraria pelo romantismo, (4) que, quando irrompeu em França, não podia ser uma novidade, como demonstra o livro de madame de Stael sobre a Allemanha.

Lembraremos que, entre outros, um poeta allemão, Wilhelm Müller, (5) dedicou e consagrou paginas de entranhado enthusiasmo a lord Byron. Era a quadra, em que surgia, das iniquas e despoticas deliberações do Congresso de Carlsbad, a *Foren Allemanha*. Escusa revolver a historia politica para confirmar esse facto da litteratura germanica. H. Heine, Ludolf Wienbarg, Laube, de Gutzkow, de Mundt, Wolfgang Menzel e outros jovens poetas e escriptores formaram aquella celebre associação. A tal proposito, escreve um historiador allemão: «O nome de *Foren Allemanha*, inventado

para agradar a homens que pretendiam preparar o futuro, foi, desde logo, adoptado por elles como um titulo honorifico.» Parece tambem querer explicital-o dizendo que «em todo tempo a mocidade sempre foi mais radical do que a velhice, porque vive mais no porvir do que no presente: signal é, porém, duma situação anormal quando o abysmo se abre entre os moços e os velhos, quando não ha nada mais de commum entre a embriaguez enthusiasta de unse a actividade reflectida de outros.» (6)

Na Italia, então *irredenta*, o auctor de *Dui Toscani* teve mais que influencia litteraria. O romantismo byronianno confundia-se CO'IL RINNOVAMENTO E LA POESIA *di la rivoluzione*. (7) Lord Byron aspirou exercer influencia politica, abertamente, de mãos dadas com os patriotas italianos, estabelecendo um jornal, que foi dirigido por Leig Hunt, o qual, regressando a Londres, contou particularidades escandalosas, que arnuinaram cabalmente a reputação do homem privado e do par de Inglaterra. As obras de Leopardi, de Stecchetti, Monti, Manzoni, Ugo Foscolo e outros, evidenciam a evolução, pela qual a poesia e toda litteratura passaram na Toscana, em Roma e noutras partes da Italia, e quanto á nova orientação da liberdade da arte e do pensamento, coadunava-se com a alma agitada e vertiginosa duma população, confrangida pela prepotencia estrangeira.

Sabemos todos que o romantismo operou milagrosa transformação no gongorismo hespanhol e renovou, dalguma sorte, a poesia dos *arcades* da Lusitania, suscitando a brilhante phalange dos Garretts, Castilho, Alex. Herculano, Mendes Leal, Palmerim, etc. etc.

Até no Brazil, que começou reproduzindo os versos de *D. Brauca* e das *Flôres sem fructo*; dos *Ciúmes do Bardo* e da *Noite do Castello*, e a imitar a coruscante prosa do *Monge de Cistér* e do *gardingo Eurico*, o poeta inglez veio plantar a tenda de campanha.

O espirito dos brazileiros recebeu directamente os raios, que lançavam os cantos do *Corsario*, as estrophes da *Parisina* e as afflictivas meditações de *Giaur*.

A poesia brazileira dedicou-se ao culto de Byron.

Quereis uma prova? Lêde as obras de Alvares d'Azevedo.

Em conclusão, pôde-se affirmar que o cosmopolitismo foi um dos elementos da influencia do genio do heróe de Missolonghi e, portanto, a *quasi impossibilidade* de estudal-o sob um ponto de vista novo. Assim, voltamos ao logar, donde partimos. Vimos que as obras e a vida de Byron são geralmente conhecidas, e acerca de taes assumptos, já se tem escripto alluvião de paginas. Eis ali uma das difficul-

dades de fallar das trez versões do sr. Paranapiacaba, que, a despeito de tudo, não recebeu pôr mãos em empreza realmente ardua e perigosa. mas, de certo, não ingloria.

Terá o traductor de *Giaur* e *Mazzeppa*, motivos que justifiquem o arrojado tentamen?

A mim, me parece que não é o unico temerario em fazer esse genero de resurreição. Muitos espiritos eminentes o téem feito.

Na douta e velha Sorbonna, Villemain, em eloquentes improvisos, dissertava sobre o auctor do *Corsario*, de *D. Juan* e de *Giaur*. Em todos os cursos modernos de litteratura, Byron figurou no plano mais luminoso. Já, na propria Inglaterra, se lhe rasgou a mortalha do esquecimento. Lord Macaulay elevou-o á suprema grandeza; outros, depois, o téem imitado e a nação applaudido.

Ainda, ha bem pouco, reli o seguinte, escripto em França: «*quoiqu'il en soit, c'est le gout de notre temps que les exhumations des grands hommes. On a fait des reputations toutes neuves, ou en repare de vieilles et le public applaudit, car il a soif de heros — et de notre temps l'offre parait infcrienne á la demande. Voicé, pourtant, un grand poète qui reparait aujourd'hui devant lui après avoir été deja discuté dans bien des volumes. Nous ne nous en plaignons pas, car Byron est un des ces hommes, qui peuvent gagnés quelque chose á être — souvent rejugés.*

Ora, o publico dos paizes da Europa, em sua maioria, é muito mais instruido que o do Brazil; comtudo, ainda se occupa do poeta inglez; chamando-o á barra do seu tribunal, procura *julgal-o de novo*, querendo reformar a sentença, si esta não fôr reconhecida justa. A' vista disso, pôde o publico brazileiro ser menos razoavel e pretender que não se deve fallar mais a respeito de obras litterarias, que passaram da *moda*? Decidirá que, no tocante a Byron, a questão está definitiva e irrevogalmente julgada e a decisão *pro veritate habetur*?

E' licito aos espiritos independentes, revéis á subserviencia, appellar dessa sentença, tão injusta quanto cruel. Ha, indubitavelmente, obras, como muitos romances, dramas e certos livros, que não merecem ser lidos, nem siquer uma vez, muito embóra a *moda* os enfeite, as revista de importancia. Ordinariamente, confundem-se essas producções, que correspondem a certas tendencias, ou caprichos de momento, com as obras doutra origem: são frivolas, nullas, ephemerias; perecem com os caprichos, que as procrearam. Ha outras, que não carecem da preconisação da *moda* nem dos corrilhos; são obras, que perduram na memoria humana, como admiraveis monumentos, que attestam a grandeza

responsabilidade, de prestigio pelo saber, pelos haveres, pela intelligencia, o Imperador é um bom homem, um imperante sabio e honesto que não soube tornar amada a instituição que elle personificava. Morto elle, ficará a sua memoria abençoada como a de um grande cidadão e levará para o tumulto as esperanças da sua dynastia. Para os brazileiros, os aspectos politicos permanecem inalterados: substituiram a corôa por um barrete phrygio, mas ficaram os mesmos estadistas, as mesmas praticas, os mesmos vicios—disse-nos o conselheiro, como um perfeito observador, com meio seculo de experiencia.

—Então—retorquia a marquezeta—tu não tens confiança, não tens fé no futuro?

—Tenho fé, confio no futuro do Brazil forte e grande, libertado das diétas de precauções politicas e moraes que o enfraqueceram, que fizeram d'elle um colosso tímido; tenho fé na sua restauração pelo processo de uma educação que lhe desenvolva as forças, as energias, para as conquistas da civilisação.

A marquezeta não replicava. Contida pela expressão das palavras de Oscar, ella se retraía, como se não julgasse opportuno o momento de insistir nesse assumpto, que permanecia sempre em fóco no seu espirito.

Indicando Oscar entre as moças, apertando carinhosamente a mão de Amelia, Souza e Mello dirigiu a Dolores um olhar acceso em chispas de ironia.

— Parece — disse-lhe elle, sorrindo — que Amelia já fez a sua escolha. E' um amor antigo, se é que o amor tem idade.

— O amor — respondeu Dolores, com um ligeiro tom de despeito — não pôde envelhecer. Produz todos os seus effeitos ao nascer; surge, conquista, fulmina no primeiro impulso ou perde toda a sua força, degenera em amizade que é o amor idoso, decadente.

— O amor sem as venenosas settas — accrescentou Souza e Mello — amor desarmado, inoffensivo.

— Não duvido — continuou Dolores, falando quasi ao ouvido do seu interlocutor — que ella tivesse, ha alguns annos, uma forte inclinação para Oscar, que nutrisse a esperança de casar com elle. Viviam juntos, as familias muito unidas; era natural que dessas relações resultasse o casamento. D. Eugenia bem trabalhou para isso, mettendo-se na intimidade da marquezeta, tratando-a com um carinho, que muita gente attribuiu á adulação, ao interesse; mas ficou nisso; os esforços da mãe foram inuteis; os olhares ternos da filha não conseguiram ferir o coração de Oscar,

que parece um refractario, como o senhor,

— Como eu! — observou o advogado, com uma grande expressão de surpresa. — A senhora é injusta para commigo, Dolores. Eu não sou um refractario. Não tenho culpa de que não chegasse a minha hora. Acho que a instituição do matrimonio pôde ser uma bella coisa, mas não attingiu ainda a perfeição que eu sonho.

— Será talvez essa a opinião de Oscar, que envelhecerá, como o senhor, esperando a sua vez, ou que se aperfeiçõe a instituição para tomar um partido. A situação entre elle e Amelia passou o periodo perigoso: as cinzas da amizade apagaram o fogo e ficou aquillo — olhares ternos, rompendo, de surpresa, aquella superioridade que ella apparenta para encobrir os vestigios da decepção; maneiras de cortezia affectuosa, uma especie de alcochoado que amortece todos os golpes dirigidos ao coração. Quando um homem se desmancha em maneiras affaveis, junto da mulher que o ama, que o distingue, está por instincto, ou calculadamente, empregando o meio de defeza mais cruel e mais effcaz. E' preferivel que o homem querido seja violento, mesmo brutal; é preferivel que seja frio, cruelmente impenetravel, a que corresponda com as manifestações banaes, impostas pelos preceitos convencionaes da educação.

— A senhora fala como um livro sobre a psychologia do amor...

— Falo com a minha experiencia, instruida pelo que tenho observado. Não percebe meu caro, que aquellas maneiras meigas de Oscar se assemelham a um bombom que elle offerece a quem lhe supplica um fructo venenoso? Elle dá agua com assucar em vez do vinho forte, para a embriaguez desejada. Dos labios do homem prodigo em palavras banaes a exprimirem uma amizade, sincera embóra, não sairá jámais o beijo ardente...

— Entretanto, Amelia espera.

— E' uma enganada; mas o seu orgulho se esforça por manter a illusão, afastando, o mais possivel, o terrivel momento da decepção irremediavel. Nós, mulheres, preferimos prolongar a duvida a soffrer o choque da verdade esmagadora.

— Precisamente o contrario do que acontece a nós, os homens.

— Os homens? Os homens gostam de ser enganados. A perfidia feminina tem para elles uma fascinação diabolica.

— Nesse ponto, não discuto com a senhora...

Dolores percebeu a maldade dessa observação; mas estava habituada a esses golpes perfidos, desfechados em allusões ferinas ou hypocritas á sua reputação, que os seus modos desembaraçados, a sua desenvoltura e, so-

bretudo, a sua intelligencia viva, repentista, auctorisavam,

— Tenho em casa o exemplo — continuou ella — O Dadá fica furioso quando lhe revélo, francamente, os meus caprichos, os meus pequeninos vicios — não ha mulher que os não tenha — quando emitto, sinceramente, as minhas opiniões; torna-se manso como um cordeiro quando lhe minto, quando o embalo com palavras suaves, com essa eloquencia deliciosa da mulher que disfarça o coração. E como eu sei que elle prefere a hypocrisia á franqueza, conquistei o meu socego, a minha liberdade e a minha soberania, trazendo-o sempre embalado pela illusão. Vou dar-lhe um exemplo. Se chegando a casa, onde elle me espera impaciente, eu lhe dissér que vim fazer uma simples visita á marquezeta, que estive conversando innocentermente com o senhor, não acreditará; os seus olhos piscarão de desconfiança, porque é occasião de lhe fazer uma revelação importante: o Dadá tem um ciúme atrás do senhor...

— De mim? Ora essa... — exclamou Souza e Mello, num mixto de surpresa e desvanecimento.

— Sim, do senhor — repetiu Dolores, com um franco sorriso de ironia — Ao passo que, se eu dissér ao meu amado maridinho, que estive numa importante conferencia com o ministro da Justiça, ou que vim conversar com o Oscar sobre o cargo que almejamos na proxima refórma da magistratura, elle ficará enternecido, sem palavras para agradecer os esforços, o empenho, a dedicação, os sacrificios da mulher-sinha adorada, a não ser aquelle — «Tu és um anjo» — a mais forte expressão do seu amor de esposo.

— O Adeodato é um anjo...

— Não o diga ironicamente, com essa perversidade de velho peccador; é o melhor dos maridos. E, se algum defeito tem, deve-o a mim. Sou eu a culpada, porque o Dadá é obra minha, feita, lentamente, com paciência, até chegar ao meu idéal — um companheiro que não me perturba. Vivemos num accordo absoluto e vivemos bem.

— Pois eu, Dolores, se tivesse a ventura de ser o seu esposo, viveria raldado de ciúmes.

— Dou-lhe os meus agradecimentos e seja louvado Deus por não nos termos encontrado, quando o senhor esperava a sua hora.

— Seria terrivel, porque eu seria muito capaz de amal-a ferózmente.

— Credo!

— Com paixão..

— Calma, calma, meu caro. Repare nos olhares que nos lançam. Lembre-se de que falamos de nós e já lhe communiquei que meu marido tem ciúmes do senhor, que é um veterano...

— Não gracieje, Dolores. Esse sorriso de demonio pôde fazer o milagre.  
— De convertel-o?  
— Não, de me perder.

Nesse momento, se aproximou delles o barão de Freixo, que não perdia occasião de queixar-se a Dolores das transformações operadas no genio da baroneza.  
— Já notei — disse-lhe Dolores — que o senhor deu para abandonar a baroneza em casa.

— Ai, minha senhora — respondeu o barão — Mas assim o quer, assim o tem. Eu é que não posso andar-lhe a atirar-lhe ás saias como um cãozinho, a atirar-lhe as telhas que, agóra, são de vidro; a atirar-lhe os caprichos. Ao principio, doeu-me; metteu-me dó; mas, afinal, a gente se habitúa. Deponha, eu faço o possível para satisfazer-lhe todas as vontades. Ella gosta de ficar sózinha em casa; pois fique. A vida é aqui para o nosso amigo Souza e Mello; livre e desimpedido, querido pelas mulheres bonitas.

— Ora quem fala — observou o advogado — o homem que possúe uma das mais bellas creaturas da Côrte.

— Lá isso é verdade.

— Uma joia de alto valor ornando a sua corôa de barão.

— A pobresinha, entretanto, lá está abandonada — murmurou Dolores, num tom de censura.

Todo desvanecido pelos elogios a queima roupa, o barão sorria e agitava, com gesto de despreocupação superior, os berloques da corrente do relógio. E fôram os trez se aproximando lentamente, do recanto em que conversavam Oscar e as moças.

— Feliz é este — disse o barão, indicando o bello official de marinha a conversar muito attencioso com Amelia.

— Falta-lhe o essencial — ponderou Souza e Mello — o que a mim tambem me falta: uma esposa.

— Porque quer — continuou o barão — Tem-na ao alcance do braço, bem perto do coração.

— Amelia enrubescen e Dolores sorriu, como se approvasse a inconveniencia do barão.

— Vejam que bello par — disse elle, indicando os dois — feitos um para o outro. De resto, toda a gente sabe que... não tarda o dia de serem abençoados por Deus.

Oscar corou por sua vez e tão perturbado ficou, que não teve meios de impedir aquella impertinente insinuação, aliás muito em vóga, como um pagal gracejo.

Amelia, porém, não se pôde conter; fulminou o barão com um olhar de colera, cujos chispas encontraram a irradiação ironica dos grandes olhos claros de Dolores.

O creado annunciando o chá, poz termo a essa vexatoria situação.

(Continúa)

DIVERSÕES

XADREZ

Aos enxadristas

A todos os enxadristas e amadores pedimos que nos auxiliem com a sua collaboraçaõ, enviando-nos problemas e fins de partidas. Esta revista deseja dar ao jogo do xadrez o mais amplo desenvolvimento e acceta toda collaboraçaõ theorica ou pratica que lhe seja remettida, desde que concorra efficaçamente para esse fim.

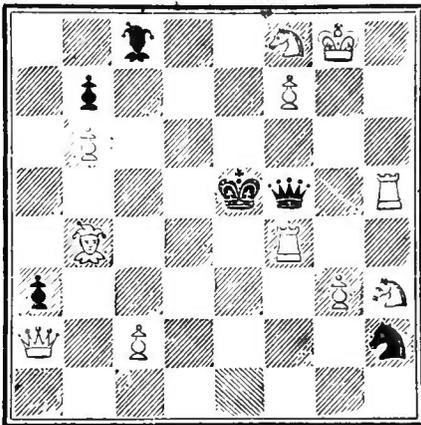
Na falta de um orgão especial de xadrez, como existem tantos no estrangeiro, ella se propõe, tanto quanto possível, a ser o centro desse movimento, contando para isso com a boa vontade dos mestres e amadores.

— Publicamos hoje um magnifico problema de dois habeis amadores de S. Paulo, muito conhecidos no mundo enxadrista pelos pseudonymos de Tacito & Lipman.

PROBLEMA N.º 8

Tacito & Lipman (S. Paulo)

PRETAS (6)



BRANCAS (11) — Mate em dois lances.

PARTIDA N.º 8 (a)

PARTIDA ESCOSSEZA

(As B. dão o partido da T. D.)

Brancas (Caldas Vianna)	Pretas (Frota Pessoa)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
P 4 D	— 3 — C X P
C X P	— 4 — C 3 B D (b)
C 3 R R	— 5 — B 4 B
B 4 B D	— 6 — P 3 D
P 3 B D	— 7 — B 5 C R
D 3 C	— 8 — D 2 R
Roque (c)	— 9 — Roque D.
D 2 B (d)	— 10 — B X C
P X B	— 11 — C 4 R
B 2 R	— 12 — P 4 T R (e)
P 4 T D	— 13 — P 4 T D
C 2 D	— 14 — P 4 C R
C 3 C D	— 15 — B 3 C
C 4 D (f)	— 16 — B X C
P X B	— 17 — C 3 B D
B 3 R	— 18 — P 4 D (g)
P 5 R	— 19 — C 3 T (h)
T 1 B D	— 20 — C 5 C D!
D 2 D	— 21 — T R 1 C
B 3 D	— 22 — R 1 C
R 1 T	— 23 — P 4 B R
P 4 B R (i)	— 24 — P 5 C R
B 1 B R	— 25 — P 5 T R
D 2 R	— 26 — P 6 C R
P B X P	— 27 — P X P
P 3 T R (j)	— 28 — D 5 T
R 2 C	— 29 — T 1 T
D 3 B	— 30 — C 5 C
R 1 C (k)	— 31 — C 7 T
D 2 C	— 32 — C X B
R X C	— 33 — D X P
D X D	— 34 — T X D

T 3 B — 35 — T 1 C R  
R 2 C — 36 — T 7 T x  
R 3 B — 37 — C 7 B  
B 1 C (l) — 38 — C 8 R x  
R 3 R — 39 — T 7 C  
abandonam (m) — 40 — —

(a) Esta partida foi jogada no Club dos Diarios, no torneio de 1902, entre o dr. Caldas Vianna, o campeão sul-americano, e Frota Pessoa, amator. O dr. Caldas Vianna estava sózinho em uma categoria extra e dava o partido de pião e lance aos fortes jogadores da 1.ª categoria, de cavallo aos da 2.ª, e de torre aos da 3.ª; os da 1.ª davam pião e lance aos da 2.ª e cavallo aos da 3.ª; os da 2.ª davam pião e lance aos da 3.ª, finalmente, os da mesma categoria jogavam entre si sem partido. O adversario do dr. Caldas Vianna, nesta partida, estava classificado na 3.ª categoria. Como já tivemos occasião de dizer, nesse torneio, o dr. Caldas Vianna, não obstante a sua situação, obteve folgadoamente o 1.º lugar.

(b) «Este lance seria um erro sem o partido; mas, com a T. de vantagem, foi um lance magnifico, pois força a troca das peças, ou a retirada do ataque, como succedeu. O lance classico é C 3 R» (dr. Th. Torres).

(c) Se 9 — D X P C, D X P x; 10 — B 2 R, T 1 C; 11 — D 6 T, T 3 C; 12 — D 3 D, D X D; 13 — B X D, B X C; 14 — P X B, C 4 R, com melhor jogo para as P.

(d) Para prevenir o lance provavel das P — C 4 T D. As Br., tendo fracassado o ataque inicial, querem evitar a todo transe a troca de peças. Seu jogo é de retirada. Ainda por esse motivo, não se atreve a tomar o P B R, indefeso, o que, demais, abriria para o adversario a columna do B, por onde a T viria entrar efficaçmente em jogo. Em todo o caso, o lance do texto é fraco; parece preferivel D 1 D, que, com mais segurança, realisava as intenções das Br.

(e) Iniciando uma irresistivel avançada de piões contra a ala do R.

(f) Bom lance, que, ou leva o C. para a defeza do R., ou determina, como determinou, o fortalecimento dos piões do centro.

(g) Para evitar o avanço do P. D.

(h) Preparando P 4 B R.

(i) Fortalecendo o centro.

(j) Se 28 — P X P, T X P; 29 — D 2 T R, D 2 C; 30 — B 2 B, T 1 T, etc. As Br. estão irremediavelmente perdidas.

(k) Se 31 — P X C, D mate. Se 31 — D X P, D X D x; 32 — R X D, C X B, etc.

(l) Para evitar o mate do C.

(m) Realmente. O B. das Br. está perdido e o P preto váe a D.

Srs. Tacito & Lipman — Damos hoje o seu bello problema e esperamos que nos mandem outros. Desejariamos que nos conseguissem a collaboraçaõ de outros amadores e que nos mandassem uma ligeira noticia do movimento enxadrista em S. Paulo. Ainda lhes pedimos que, nos problemas que nos enviarem, assignalem as peças pretas, cortando-as obliquamente com um traço fino, porque a ligeira differença de tinta de umas para as outras traz confusão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6: 1 — T 7 B D, ad libitum; 2 — C, T, B, D mate (14 variantes):

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7: 1 — T 1 D, ad libitum; 2 — D T. C, P mate (5 variantes).

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do ultimo trimestre de 1904 e do primeiro semestre de 1905.

## PAYZAGEM VELADA

Soam de um sino as toadas  
 Magoadas,  
 Lentas, do meio-dia.  
 Suaves, mudos pezares!  
 Nos ares  
 Reina a melancolia.

Entre nuvens occulto,  
 O vulto  
 Do sol pallido erra.  
 Rolam limpidas brumas,  
 Espumas  
 Dos vapores da terra.

Os passaros, de leve  
 A neve  
 Cortam das nuvens alvas,  
 E colibris inquietos  
 E insectos  
 Beijam rosas e malvas

Uns ligeiros ruidos,  
 Gemidos  
 Ao longe, azas rufando,  
 Crebos, vagos attritos,  
 E gritos  
 Soam de quando em quando.

Na alta esphera azulada  
 A cada  
 Nuvem que erra e fluctua,  
 Cáem do sol em desmaios  
 Os raios,  
 Como os raios da lua.

Soam de um sino as toadas  
 Magoadas,  
 Lentas, do meio-dia.  
 Suaves, mudos pezares!  
 Nos ares  
 Reina a melancolia.

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.

## BEETHOVEN

Como si por minli'alma andasse a echoar sombria  
 A vóz da Natureza, eterna, incomprehensivel,  
 Curvo a fronte febril, num extase indizivel,  
 E escuto, enchendo os Céos, a extranha symphonia...

De que abyssmos glaciaes, sobre uma aza invisivel,  
 Vem subindo até mim a dôr dessa harmonia?...  
 Ouve-se, ao longe, o mar... Váe alta a noite fria...  
 E nas distancias vaga uma angustia incoersivel...

Beethoven... Todo o Céu... Todo o Oceano... Parece  
 Que no ergástulo azul cada estrella estremece  
 Num fremito de luz maravilhoso e forte...

A musica, a subir, dos Espaços transborda...  
 E a Natureza inteira é uma harpa, corda a corda  
 Tangida pelas mãos tenuissimas da Morte...

(Aguias Negras.)

CASTRQ MENEZES.

## TRESLENDO

A cartilha do affecto um dia me ensinaste,  
 A sentir e a soffrer a minha alma aprendeu.  
 Aposto que o melhor alumno que encontraste  
 Sou eu.

Fiz na soletração progresso extraordinario  
 Desde a letra do Bêm ao Soffrimento crú.  
 O grande iniciador do Excelso abecedario  
 E's tu.

Pela biblia do amor, de estylo estonteante,  
 Recordas, día a día, o muito que aprendi  
 Já vejo que vou ser um bom leitor constante  
 Por ti.

Agóra que começo, um pouco, a lêr corrido,  
 A devorar com ancia as paginas sem fim,  
 Guardo no coração o livro preferido  
 Por mim.

Transformaste um calouro em veterano esperto,  
 Que apprehende e compõe, assimila e traduz,  
 Tendo no teu olhar, como num livro aberto,  
 A luz.

Depois de gaguejar, lendo por cima, um dia  
 Meus olhos pedirão aos teus, como um favor :  
 Que deixes folhear a grande livraria  
 Do amor.

1905.

RAUL PEDERNEIRAS.

## VELHOS TEMPOS

A D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

Para alguns a existencia é uma estrada florida  
 Sobre a qual vê-se um céu feito de azul e arminho...  
 Ouvem por toda parte o pipilar de um ninho  
 Que, palpitando, canta o alvorecer da vida.

Outros calcam a pé todo o longo caminho  
 Que váe do Desespero á Magua dolorida;  
 Levam dentro de si, certo, uma calma ferida  
 Que nunca soube ter um singello carinho.

No contraste, porém, que a sorte nos aguarde,  
 Quer venha a morte cedo ou venha a morte tarde  
 Levando á sepultura os germens da vingança,

Um desejo supremo a todos nos domina,  
 E, por entre illusões, entre sonhos em ruina,  
 Queremos reviver velhos tempos de creança.

Recife, 1905.

ADALBERTO PEREGRINO.